

1

O PATRIOTA,
JORNAL LITTERARIO, POLITICO,
MERCANTIL, &c.
D O
RIO DE JANEIRO.

*Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra ameí, e a minha gente.*
Ferreira.

N. 1.
JANEIRO.

Reservado da Secção
Biblioteca Nacional

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1813.

Com Licença.

*Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho,
na rua da Quitanda, n.º 24, por 800 reis. Na
mesma Loja se faz a subscripção a 4000 reis
por semestre.*

INTRODUÇÃO.

HE huma verdade, conhecida ainda pelos menos instruidos, que sem a prodigiosa invenção das letras, haverião sido muito lentos os progressos nas Sciencias, e nas Artes. Por ellas o Europeu transmite ao seu antipoda as suas descobertas, e as mais doces sensações da nossa alma, os nossos mesmos suspiros (para falar com Pope) voão do pólo á India. Os homens de todos os Seculos são contemporaneos; e o sabio no seu gabinete instrue-se ainda hoje com os Archimedes e Appolonios; recrea-se com os Homeros e Anacreontes; consulta os Thucidides e os Livios; admira a eloquencia dos Demosthenes e Ciceros; e ligando eras interrompidas por longas series de calamidades, salta atravez das irrupções dos Barbaros, vóa a despeito das injurias do tempo, e prende remotissimos anneis da cadêa não interrompida dos erros do entendimento, e dos crimes do coração humano.

Mas instruidos pela physica de que os raios do Sol, que dispersos aquecem apenas os corpos duros, juntos em hum fóco derretem os mais densos metaes, os sabios se proposerão a communicar-se reciprocamente suas luzes, para que da união d'ellas resultasse aquelle in-

tenso calor, que venceste a frieza da priguica, e a dureza da ignorancia. As suas primeiras Obras abrirão o caminho a outras mais perfectas. Debalde a inveja aguçou o dente; elles, á maneira dos Estoicos, forão insensíveis aos seus golpes, até que a morte levantou aquella unica barreira, que aquelle monstro jamais salta, saciando a sua hydropica sede nos vivos, como sentio, e cantou Ovidio. Elles desprezavão altamente as calumnias e improperios d'quelles homens, a quem com tanta propriedade se podem applicar as palavras de Cicero *natus ab domini suo, non laudi atque gloria.*

Estas pequenas Sociedades derão o berço ás grandes Academias, cuja utilidade está illustremente estampada em cada pagina das suas Memorias, e cujos Membros, fitos os olhos na posteridade, menoscabarão a fortuna.

Como porém se conseguirão estes grandes resultados, se o primeiro, que se abalancou a aquella empreza, descorgasse com satiras importunas, ou sarcasmos insulsos? Aluido o alicerce, que deveria sustentar hum grande edificio, a ignorancia occuparia todo o terreno, e ufana imporia pezadas leis aos seus vassallos. Arredemos os olhos deste quadro medonho, e apanhemos o nosso discurso.

Convencido de que apodrecião no esquecimento Obras assaz recomendaveis, e noticias de obra interessantes, sem que huma mão habil colligisse, e ordenasse aquellos dispersos mem-

bro, e formasse hum todo digno da attenção publica, doendo-me de que não acordasse a emulação á vista de tantos modelos das nações cultas, como se a posição physica retardasse a luz a chegar ao nosso horizonte; cego á insufficiencia de minhas forças, mas desperto ao brado da Patria, eu não hesitei hum momento em emprehender aquillo, que todos os Litteratos, primeiro que eu, haviam pensado, e de que (infelizmente) abrirão mão, atterrados com os embaragos, que circumstancias melindrosas tornavão quasi insuperaveis. Era preciso hum homem, que não tendo que attricar hum nome conseguido á custa de preciosas descobertas, ou de Obras de mão de Mestre, tivesse em pouca monta, assim applausos, como censuras; que expondo-se, como parapetto, aos tiros da maledicencia, salvasse os sabios escritores, que cooperassem com as suas luzes para o seu desempenho. Este homem appareceu; a inveja o apontou com o dedo, e ficou logo alvo da murmuração dos ociosos.

Não he este o lugar destinado para pezar as razões allegadas contra a minha empreza; depois de haver enchido a minha tarefa (se tanto podem as minhas forças) eu me vingarei de reflexões estereis, que havendo estorvado muitas Obras, nunca poderão produzir huma só. Nada ha mais facil do que no silencio do Gabinete, nos braços da ociosidade, censurar as alheas Obras. Poucos conhecimentos

bastão para este fim. Os primeiros rudimentos da Grammatica põe huas ao alcance de condemnarem a linguagem, que (ainda mal!) desconhecem; e pode ser que huma ligeira lição de Romances seja muitas vezes a única licença, que tem para censurar hum espirito espinhoso. Longe de mim consumir o meu tempo, e cansar a paciência dos meus leitores, com a consideração, nem mesmo com a lembrança de semelhantes censuras. Eu seria muito feliz, se homens de outra estofa não desconfiassem do éxito. A difficuldade do desempenho, a mingoa de meios, a aspereza das circumstancias, ainda que alias motivos de indulgencia, dão nos olhos de homens providentes, mais attentos, e mais reflexivos do que eu. Mas cedão huma vez á seria reflexão de d'Alembert: não se deve examinar se a Obra está bem feita, mas se era possível faze-la melhor. Pensem maduramente que todas as cousas humanas começão por bem pequenas, e chegam depois á hum estado de grandeza e de esplendor. Da pequena semente se gera huma copiosa arvore, se mão destra a rega, e Deus lhe dá o incremento.

Mas talvez tenho esperdiçado expressões. Não he provavel que algum sabio, nem mesmo erudito, se abata ao ponto de engrossar o partido, que costumão levantar obras desta natureza. Huma feliz experiencia me tem mostrado que elles se prestão de bom grado ao con-

vite, que lhes fiz no meu Prospecto; muitos até declarados Protectores deste Jornal, tem com todas as veras fomentado o seu augmento e esplendor, e seus nomes recommendaveis entre os literatos da nação honrão já este primeiro numero. Eu não perderei esta occasião de testemunhar o meu reconhecimento a tão serios desvelos, reservando para outro lugar huma mais particular menção.

Tenho a satisfação de que ninguem se persuadirá que o desejo do lucro guiou a minha penna. Ha muitas cousas mais apreciaveis que o ouro, e estas, só estas, desafião a minha ambição; para a quelles porém, que forem de opposto sentimento, transcreverei as expressões de *Tito Livio*—*Operæ pretium est audire qui omnia pro divitiis humana spernunt, neque honoris magno locum, neque virtuti putant esse, nisi ubi effuse affluant opes.*

Este primeiro numero não satisfaz ainda a todas as vistas do Prospecto, nera era possível que satisfizesse pelas angustias do tempo. Nem por isso portanto enganamos a expectação dos leitores, pois a collecção de todos os numeros constitue o Jornal, e não só hum delles. Recebemos promessas, e honrosas expressões de Pessoas da 1.^a Ordem, que segurarão a sua distincta co-operação; e portanto em vez de se julgar do merecimento da Obra por este N.^o, como muitos aguardão, por ventura já dispostos a censura-lo desapiadadamente,

deve esperar-se que, melhorando successivamente, toque o grão de perfeição, que só do tempo pó-le esperar, não empecendo aos meus votos a minha insufficiencia huma vez que Sabios não se tem negado a honrar este periodico.

Tenho curado de misturar noticias nacionaes com estrangeiras, preferindo as primeiras. Algumas Obras que era impossivel caberem nos limites de hum Jornal, serão divididas pelos N.ºs seguintes. Deste genero hei dado algumas que são da mais decidida utilidade; vindo desta arte a abranger neste periodico escritos, que lhe escapavão pela sua extensão.



ARTES.

Memoria sobre o emprego do assucar combinado com a polvora, extrahida do Repertorio das Artes, Manufacturas, e Agricultura.

Federico Alberto Winsor descobrio hum methodo de empregar assucar bruto e refinado na composição de varios artigos de mercadorias, em grande consumo, nas quaes até alli não se empregava; a maneira em que isto se consegue he a seguinte:

Havendo em cem partes de assucar ressen-ta e quatro de oxigenio, vinte e oito de hydrogenio, e só oito de carbonico, he claro que depois do nitro, este sal possui as qualidades mais inflammaveis e explosivas, excepto o oxigenado muriato de potaça. Por tanto se o assucar, quer em bruto, quer refinado, se secar com muito cuidado, e se reduzir a pó fino, em tres ou quatro horas de trituração, e depois se misturar com os ingredientes ordinarios de que se faz a polvora, na proporção de 25 partes em cada cem, ou proximaente, achar-se-ha igual á força das qualidades de polvora, que produz a mistura dos bem conhecidos ingredientes de salitre, enxofre, e carvão. Como a bondade da polvora depende principal-

mente da exacta trituração por dez ou quatorze horas, deve adoptar-se o mesmo principio de trituração com a mistura de assucar bem seco, na proporção de 25 partes em cem; ou proximoamente. Como o assucar he sujeito a chupar humidade como o salitre, deve haver todo o cuidado em secca-lo, e guarda-lo bem enrolhado. Ou, se se misturar tres quartos de polvora, e se triturar bem com hum quarto de assucar bem seco, a inflamação e explosão será a mesma que se fossem as quatro partes de polvora. Nos fogos de artificio pôde entrar o assucar de metade a hum terço na mistura da polvora, ou dos ingredientes de que se compõe os fogos; e por este meio este artigo da publico e particular divertimento, se pôde fazer mais barato, e ao mesmo tempo augmentar o geral consumo do assucar. O assucar pôde entrar em todas as combustões, em certas proporções.

(*Repertory of Arts*, &c. n.º 125)

Novo methodo para refinar assucar por Luiz Honoré Henry Germain Constant, premiado a 27 de Fevereiro de 1812.

Preparo primeiro o carvão de madeira, lavando-o com agoa, que o limpe de algumas impurezas, que se suppõe ser de qualidade fu-

masa e oleosa, e então o faço em pó grosso com pouca agoa por meio de hum moinho, ou qualquer outro, e depois môo muito sutilmente, acrescentando-lhe consideravel quantidade de agoa, por meio de hum moinho de mostarda, ou outra maquina, ou apparatus conhecido para moer ou levigar; e neste estado de pó fino lavo bem o carvão, e extrahio, de novo, ou separo a maior parte da agoa, filtrando, ou coando, ou de outra sorte; e formo o dito carvão quanto á consistencia em massas de qualquer tamanho para guardar, mas com preferencia de tres palmos de diametro; e secca-o ao sol, ou por huma temperatura moderada, depois do que guardo para uso, em barris, ou outras quaesquer vasilhas; e em segundo lugar para clarificar ou refinar assucar mascavado, ou barrento, ou molle, encho o taxo de sufficiente quantidade de agoa, ou de agoa, que contenha assucar, e aquecendo-o a hum grão consideravel, ajunto o assucar, que pertendo clarificar ou refinar, tendo cuidado de meche-lo, ou sacudir para que não se queime no fundo do taxo; e apenas o assucar assim accrescentado está inteiramente derretido, examino a gravidade especifica da solução pelo instrumento chamado hydrometro, ou por outros meios bem conhecidos; e por huma completa addição de mais assucar, ou de mais agoa, segundo he meter, levo a solução á aquella gravidade especifica, que se deve ou pôde melhor

ajustar á operação de clarificar ou refinar, como depois se explicará e declarará; e a fim de determinar mais pronta e exactamente, e declarar as gravidades especificas das ditas soluções de assucar, como de tempos em tempos o fiz, construo, uso, e emprego hum hydrometro feito com preferencia de vidro com hum globo, tendo a parte carregada para baixo, e para cima hum tubo cylindrico; e faço o dito tubo de tantas divisões ou grãos, que admitta quarenta divisões iguaes, ou grãos, que alli se marcão, de grandeza tal, a cerca dos intervallos, ou partes do tubo, entre cada divisão, ou grão, e a divisão ou grão seguinte, e immediatamente contiguo ou adjacente, que cada hum dos ditos intervallos ou partes seja respectivamente igual em volume a hum 226 avos do volume de toda a parte mergulhada do dito hydrometro, quando está em agoa pura, e ajusto de sorte o seu contrapezo, e faço de tal maneira o numero das ditas divisões ou grãos, que o superior traço ou signal de divisão seja numerado 0, e coincida com a superficie da agoa pura, quando nella se metter o instrumento; e que o traço seguinte ao inferior ao dito seja numerado 1, e coincida similhantemente com a superficie de hum fluido mais pezado do que a agoa; e o seguinte inferior tenha o numero 2, e os outros regularmente 3, 4, 5, 6, &c. até 40; e declaro que, por quanto são bem sabidos os principios

e methodo de constituir hydrometros, ou instrumentos de fluctuação, e as fórmãs e relações das partes destes são susceptiveis de grande variação, descrevi o hydrometro, de que faço uso, não por me persuadir que elle he, ou pôde ser o unico instrumento, que se pôde empregar no meu referido methodo, mas porque eu o prefiro, e as minhas descrições aqui dadas, quanto á expressão das gravidades especificas, são accommodadas ao mesmo instrumento, e por tanto julgo desnecessario dar mais particulares instruccões a cerca do mesmo; e alem disto, quando clarifico ou refino assucars molles de baixa qualidade, faço ferver a calda até a grossura da gravidade especifica de 28 grãos do meu hydrometro, e no caso de assucar de boa qualidade, levo a calda a 30 grãos: e quando o assucar he branco, a 32 grãos. E declaro que a utilidade e vantagem de regular a gravidade especifica das caldas, como fica dito, provem das considerações, que no caso da calda ser muito grossa ou pezada, a clarificação por meio da preparação de carvão, como havemos exposto, seria menos efficaç; e se a calda fosse muito delgada ou leve, seria necessario evaporar por mais tempo, e esta continuação de evaporação faria mais ou menos damno á cor e belleza do assucar clarificado; depois, logo que está feita a calda, e levada á competente gravidade especifica, como fica dito, acrescento ao fluido em fervu-

em huma quantidade de carvão preparado e pulverisado, como está explicado, até a quantidade de 5 a 10 libras de carvão por cada gem de assucar, que se tenha dissolvido em agoa no taxo; e eu tenho cuidado em empregar maior quantidade de carvão para os assucares baixos do que para os melhores; e neste particular o operador não pôde deixar de acertar, bem que a sua prudencia e conhecimento a respeito das quantidades de carvão preparado, que se devem empregar com as diferentes qualidades de assucar, necessariamente se aperfeiçará com a pratica, e não he possível, escrevendo huma instrução, apontar todas as pequenas variações no processo, como a pratica indicará. Feito isto, eu mecho, e misturo bem o dito carvão, e a calda, e depois deixo-o descansar por pouco tempo, e então esperto o fogo para fazer ferver a calda o mais breve possível, e para que quando esta houver subido pela ebullicão, e chegando quasi ao ponto de ferver por fora, eu deite (como nas refinações ordinarias) clara de ovo, ou qualquer outra materia albuginosa, e misture bem, e mecha com força, depois do que faço subir outra vez a calda pela ebullicão, para que a materia albuginosa coalhada se levante em fórma de espuma, trazendo consigo o carvão e as impurezas do assucar; e então deixo tudo em descanso, em hum calor muito brando; e logo que o carvão tem chegado á superficie, eu escumo, e quando não

resta mais carvão, filtro a calda; e logo que a quantidade de mascavado, ou outro assucar molle, que se pretende clarificar, houver sido tratada como fica dito, ajunto todo o carvão, que obtive da escuma, e ajunto-lhe huma sufficiente quantidade de agoa, para o fazer aquecer bem, mechendo-o continuamente, para que se não pegue, ou queime no fundo, e depois de haver subido pela fervura, tiro o fogo, e ponho o carvão sobre o filtro para separar a calda fraca; e depois de bem separada esta, lavo o carvão em agoa pura, que se pôs a ferver no taxo, e faço uso desta agoa nas seguintes soluções, e clarificações de assucares.

Declaro mais que caso seja inconveniente por alguma causa, ou circunstancia, lavar o carvão immediatamente depois de filtrado, elle não haverá mudança pela fermentação, ou de outra maneira, no espaço de hum mez, guardando-o tanto tempo. Como parte da minha dita invenção ou methodo, construi, e uso de huma fornalha para aquecer, ferver e evaporar a calda, na qual não só emprego portas e registros na grade, chaminé, e cinzeiro, como se usa em outras obras, para regular, afrouxar, ou apagar o fogo; mas tambem em particular, e como huma parte privativa e importante da minha dita invenção, construo e uso de huma chapa de metal, ou de outra qualquer materia, que pôde escorregar, ou mó-

ver-se para dentro e para fora do fogão, ou aliás mudar-se quanto à aquella situação movendo-se sobre corrediças, ou rollos, ou rodas, ou outros semelhantes esteios, ou sobre hum gonzo ou eixo, de maneira que a mesma chapa, quando for mister, se ponha entre o fundo do taxo e o fogo, ou a lenha que arde, e suspenda immediatamente, ou estorve o effeito do calor sobre o que se contém no dito taxo, e similhantemente por hum movimento contrario, ou differente, possa a arbitrio ser afastado, ou restituído á primeira posição, e immediatamente deixe o fogo, ou a materia, que arde, exercer a sua acção contra o fundo do dito taxo, e sobre o que elle contém.

A principal vantagem, que resulta da dita invenção, que consiste no uso das ditas reformas em fornalthas, he o seguinte: a saber, que como, não obstante o cuidado e attenção, que se pôde empregar em separar o carvão, escumando e filtrando, como se tem dito, huma pequena porção de carvão em particulas muito miudas se torna todavia perceptivel na seguinte evaporação da calda clarificada, que se levanta á superficie; por tanto logo que eu sinto que tem subido tudo, modero a acção do fogo por meio das portas, ou registros, e da chapa acima mencionada; e depois que a calda estiver tranquilla, e continuar assim alguns minutos, escumo o dito carvão, e qualquer outra impureza, que possa ter escapado pelo filtro.

Igualmente que como, secando os assucares, ou na subsequente refinação, ou branqueação, barrando ou de outra sorte, as caldas que correm, infallivelmente hão de ficar nos potes hum tempo consideravel, e se acha que tem lugar certo grão de fermentação, ou mudança espontanea n'aquelle intervallo de tempo, por meio do qual se gera huma espuma branca consideravelmente acida, e de hum cheiro desagradavel, que não se pôde sufficiente, e efficaizmente separar na evaporação ordinaria; por tanto no dito methodo, apenas acontece a primeira fervura, por meio da qual sobe á superficie a dita materia acida branca, e desagradavel, modero o fogo, o que produz o effeito sobredito, e deixo que a composição fique tranquilla hum ou dois minutos, e então escumo toda a dita materia branca e desagradavel, e quaesquer impurezas, se as ha, que appareçam na superficie da calda; e por este meio se livra a calda de mostrar mais sinais de effervescencia, e a gran do assucar se torna mais bella, e o assucar se torna mais fino, e muito mais claro, delicado, e de gosto mais agradavel do que quando se refina ao modo ordinario; e porque no processo ordinario de evaporar caldas, se achou expedito e necessario quando o fluido se levanta subitamente, de maneira que corre perigo a calda que ferve, lançar-lhe hum pedaço de manteiga ou de gralha, que tem o effeito de moderar a fervura,

porém faz mal á cristalização, e tambem ao sabor e cheiro dos assucares; no meu methodo eu evito inteiramente o dito inconveniente, e modero a fervura, quando he necessario, pelas portas ou registros, e mais particularmente pela chapa que acima descrevi; e em terceiro lugar á respeito de refinar os assucares em caras, ou pães, em vez do antigo methodo de barrar, eu consigo e fórmo o mesmo, coando gradualmente a calda purificada fria pelos ditos assucares, a fim de clarificar a calda corada, ou melasso, que occupa os intersticios entre os cristaes do assucar na primeira formação; e declaro que importa muito que a calda de que se faz uso para coar, seja da conveniente força, ou gravidade especifica, porque huma calda de grande fortaleza, ou gravidade especifica, não correria com a melhor vantagem, e huma calda de pouca força, ou gravidade especifica, dissolveria huma parte dos mesmos cristaes, e por tanto faria cavidades na massa do assucar, pelas quaes cahiria principalmente a calda, e o assucar não só tomaria huma configuração incerta e irregular, mas igualmente lhe seria impossivel conseguir o grão de purificação, que se quer. Para os assucares brancos a calda fria para coar deve ter huma consistencia de 38 grãos, e se o assucar tiver a gran apertada, a calda deve ser de consistencia de 37 grãos e hum quarto, a 37 grãos e meio; mas se o assucar for le-

ve e de gran aberta, deve empregar-se a calda de 38 grãos. E quando os pães de assucar se devem refinar, ou branquear, a parte superior do pão chamada vulgarmente a ponta, deve tirar-se com huma faca, ou outro instrumento proprio, até que o assucar pareça firme e solido, e então a mesma se volta decima para baixo dentro, e ao longo de sua forma, e depois de huma hora, ou mais, ou menos, segundo a qualidade do assucar, sacudo, ou bato o mesmo sobre o pão para separar o pão da sua forma, e fecho a abertura que está na ponta da forma com hum pedaço, ou rolho de trapo; e depois torno a pôr o pão (na sua forma) com a ponta para baixo tão direito quanto he possível, e por este meio deixo a calda (que naturalmente nelle se inclue) tornar á ponta do pão, e depois accrescento huma competente quantidade da mesma calda branda purificada, que tenho cuidado de ter mais ou menos em quantidade, e ainda em pureza, segundo a natureza do pão de assucar que se quer refinar; quer dizer; se o assucar for já muito fino, accrescento só huma pequena quantidade da calda mais branda, mas se o assucar for mais amarello, emprego maior quantidade de calda, que pôde ser de inferior qualidade, como logo se expõe; e no fim de 24 ou 28 horas, segundo o assucar era dantes mais ou menos fino, tiro o rolho de trapo, e deixo correr a calda amarella, ou es-

cura, ao mesmo tempo que lhe substituo a calda branca, e desta sorte o assucar ou fica perfeitamente fino, ou muito melhorado, segundo a qualidade do assucar, e meios que se empregarão.

Declaro mais, que pelo meu methodo se pôde branquear ou refinar todos os assucares sem precisão de volta-los ou agita-los, ou metter-lhes hum rolho, como se tem ensinado; mas que neste caso ha risco de manchas e irregularidades de cor nos ditos pães de assucar perto da ponta, que pôde antecedentemente ter sido de cor escura; e tambem que o escoamento da primeira calda pôde fazer o pão poroso, e fazer que a calda branca passe prontamente pelas maiores passagens, ou póros, em vez de encher o seu officio de levar diante de si a calda amarella, e refinar competentemente o assucar, como se pertendia fazer. E mais, que eu emprego e applico a calda, de que se fez já uso na purificação por coa dos assucares brancos de boa qualidade para purificar similhantemente os pedaços ou massas de assucar obtidos da primeira vez pelas caldas purificadas por meio do carvão preparado no tacho, como acima se ensinou.

E mais que eu faço uso e applico as caldas, que se empregarão em purificar por coa assucares reaes, ou de superior qualidade, para purificar da mesma sorte assucares communs muito bons; e que as caldas obtidas desta ul-

tima mencionada coa, se pôdem da mesma sorte empregar em tres operações, e depois sem mais preparação se pôde ferver para manufacturar em massas. E finalmente que, no acto ou operação de filtrar as caldas acima referidas, e que se pertendem formar, acho muito conveniente sustentar o filtro, sobre, ou dentro de hum cesto, feito de proposito de conveniente grandeza e figura para este fim, e ponho o filtro assim sustentado sobre certas grades, ou esteios fixados atravez de huma propria gânela ou canoa, que tem hum cano e torneira na parte inferior para extremar os primeiros sahidos (que são menos claros) dos subsequentes sahidos claros, e voltando outra vez os primeiros sahidos ao filtro, como se costuma fazer em operações desta, ou de similhante natureza.

AGRICULTURA.

Memoria sobre a cultura dos algodoeiros, por Manoel Arruda da Camara, Doutor em Medicina pela Universidade de Montpellier, da Academia das Sciencias da mesma Cidade, Correspondente da Sociedade de Agricultura de Paris, e da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e Naturalista empregado no Serviço de S. M. Fidelissima na Capitania de Parana mbuc.
Anno de 1797.

CAPITULO I.

Da antiguidade do uso do algodão, e da vantagem, que tem resultado a Portugal, e a Parana mbuc, da sua cultura.

HE huma especie de mania, que allucina os escriptores menos Filósofos, o quererem attribuir á sciencia ou á arte de que tratão, huma antiguidade, que dáte quasi com a do primeiro homem. Se he certo, como devemos crer, que Adão teve sciencia infusa, pouco menos idosas são quasi todas as artes, que elle; mas o pouco progresso, que ellas tem tido, mostra que as suas origens não remontão tão alto: Adão seria muito sabio, mas seus filhos tem sido muito nescios; porque, ou nada apprenderão daquelle primeiro Pai, ou, se ap-

prenderão, depressa se deixarão esquecer; tanto assim que para descobriremos as origens de algumas artes, he necessario desandar-mos os longos caminhos, que tem corrido os Seculos, e procurarmos, apalpando pela obscuridade dos tempos, alguns mal distinctos vestigios, dando aos seus primeiros inventores honras, e louvores quasi Divinos: as sciencias são como estes grandes rios, que conduzem soberbamente immensa quantidade de agoa: navegue quem quizer por elles acima buscando a sua origem, chegará a ficar em secco sem saber verdadeiramente aonde nascem; pois abrindo-se pouco a pouco em pequenos e insignificantes regatos, vem estes a acabar em humidades tão diminutas, que nem cobrem a arca sobre que correm.

A necessidade e o acaso, são as duas principaes mãys ou fontes, donde nascem as sciencias e as artes: as necessidades crescem, e se multiplicão á proporção que se civilisão os povos; nos homens, que vivem rusticamente, perto, para assim dizer, de huma vida selvagem, as suas necessidades não se estendem a muito: assim as mais antigas artes e sciencias devem ser aquellas que interessassem a existencia e o commodo, tal qual podião ter os primeiros homens, vivendo frugalmente, formando quando muito pequenos arrayaes, de costumes simples, como elles mesmos, sahidos ha pouco das mãos da Natureza.

Pelo que a Agricultura dos alimentos, a

Medicina, a Cirurgia, que interessavão immediatamente a sua saúde, e a sua existencia, deverião occupar o primeiro lugar na ordem dos tempos; a invenção de tecer panos creio que deve ser muito posterior, não só a estas, mas ainda a outras artes de primeira necessidade; porque os primeiros descendentes de Adão, habitando hum paiz e clima benigno, as injurias do tempo não erão assás fortes para os obrigarem com tanta presteza a inventarem vestiduras (1).

(1) O pudor, que hoje nos parece tão natural em hum e outro sexo, não podia decidir o homem a inventar, nem dar o minimo passo para a invenção da arte de tecer; porque a maior parte do povo selvagem, que vive nos bosques do Brasil em hum estado bem vizinho ao natural, anda inteiramente nua: eu vi na Aldea de S. Gonçalo na minha viagem do Piauí, cento e sessenta indios, Gamelas de nação, desentranhados ha pouco daquelles vastos matos, andarem inteiramente nus, e tão despejados, que se apresentavão assim mesmo á maior publicidade, tanto mulheres, como homens. Se aponto só os isto indios, não he porque deste pequeno numero queira fazer huma regra jão geral, mas porque só estes são os que eu vi, e os que os immensos bosques do poente nos encombrem são infinitos, que como aquelles andão todos nus.

Seja como for, hum discurso bem simples nos pôde persuadir que o algodão foi a primeira substancia do reino vegetal, de que os homens se servirão para fabricar os seus primeiros panos; porque a natureza já a produz apta para se poder fiar, como todo o mundo sabe, o que não acontece a respeito do linho e da seda, as quaes exigem longas e peniveis preparações, antes de se pôrem no estado de se fiar; o que só huma longa serie de tempos, experiencias, e casualidades poderião ensinar.

Bem se vê que este discurso não prova de facto, e só faz ver huma probabilidade, pela qual podia ser o algodão empregado, primeiro que toda outra qualquer substancia, nas vestiduras. Eu tenho procurado pela obscuridade dos seculos passados, a ver se acho a epoca em que principiou o uso do algodão, e o mais a que tenho chegado he descobrir que, muito antes de Moyses, se elle vestia, e que já naquelle tempo se fabricavão tão primorosos panos de algodão, brilhando tanto a arte, que os Principes fazião delles mimo precioso: para prova disto, basta deitarmos hum golpe de vista para a historia, que o mesmo Moyses nos conta de José; ahí vemos, que os presentes que Farahó lhe fez, quando interpretou os seus sonhos misteriosos, entregando-lhe as reideas do governo do Egypto, e fazendo-o subir na sua carruagem, foi hum anel de pedras pre-

ciosas, e huma tunica ou vestido de pano de algodão. (1)

Para finalmente formarmos hum juizo a respeito de quanto he antigo o uso do algodão, basta reflectirmos, que os mais antigos povos traficavão com elle desde muito antes de Pythagoras: os Phencios e os Gregos, não só hião beber as sciencias e as artes á sua fonte, quero dizer, na Índia, mas tambem hião lá comprar fazendas de algodão, para virem depois revender pelo resto do mundo então sabido. Naquelle tempo a arte já tinha tocado hum grão superior de perfeição nessas remotas paragens; mas; que seculos deverião correr antes

(1) *Donavit illum stoba byssina.* Genes. Ainda que tomavão *byssus* em diversas accepções; porque humas vezes chamavão *byssus* hum genero de planta parasitica, que Lineo arranja na classe *criptogamia*, bem affine com a *conserva*; outras vezes entendião pela seda, outras pelo algodão. Com tudo se devemos dar credito ao que Polux e Filostrate nos dizem do *byssus* do Egypto, não podemos deixar de crer que era de algodão o vestido que Fara-hó deu a José: porque dizem elles que se chama *byssus* a hum arbusto, que cresce no Egypto, que produz capsulas, as quaes abrindo-se lanção de si huma substancia lanosa, que se fiava, e de que se fabricavão panos.

que lá chegasse, como acconteceu a muitas outras artes, que nos parecem fáceis?

A nossa mestra a necessidade, já acordou a Inglaterra, e as mais Nações civilisadas da Europa, e dentro destes tres ultimos seculos, lhes tem ensinado a rivalisar com a Índia, na arte de tecer panos de algodão, e tem cortado em parte aquelle rio de dinheiro, que corria continuamente para o Oriente. Portugal mesmo, ainda atordado do veneno da ignorancia, que lhe communicou Hespanha, no tempo da nossa infeliz sujeição a esse Reino, tem erigido fabricas, que trabalhavão á competencia, e que se vão aperfeicoando cada vez mais.

Depois dos solidos estabelecimentos da Europa neste genero, de diversas partes do Mundo concorrerão algodões a fornecerem ás suas fabricas a materia prima. Da Asia forão Smyrna, Chypre, Alexandria, Acre, Surrate, Sião; da America as que fornecião algodão erão Surinam, Martinica, Cayena, Guadalupe, Cartagena: Maranhão antigamente não deixava algodão algum para a Europa, e só o cultivavão para gasto do paiz, que era tão pobre, que o fio, que seus habitantes fiavão do algodão, era a moeda Provincial, servindo-se della para comprar o que precisavão, de sorte que até nos açougues a carne era comprada a troco de novêllos de fio: até que o Illustrissimo Senhor General Telles animou os agricultores, obri-

gando a Companhia a fiar de muitos escravatura, ferramentas &c., e desde então principiou o Maranhão a enriquecer e augmentar.

Paranambuc nesse tempo ainda não pensava, que este genero seria capaz de vivificar o seu porto, e procurar-lhe huma subsistencia igual á do assucar, que então o disvelava. Na Paraíba foi onde primeiro sonharão em mandar algodão para Portugal; mas o estímulo da ambição não picava muito os animos amortecidos e encolhidos debaixo da pobreza, a cultivarem-no com a energia, de que são capazes: a noticia do grande lucro, que podia dar o algodão a quem o cultivasse, foi penetrando pouco a pouco os matos, e despertando os agricultores. Nos annos de 1777 até 1781 animarão-se os povos de huma nova força; então he que se virão os interiores dos sertões mais habitados e cultivados; e tem de tal modo fomentado a cultura e o negocio do algodão, que admira: e para se ter huma idéa a esse respeito, vou pôr á vista huma taboa, Synoptica, não só do algodão, que de Paranambuc tem sahido desde 1786 até 1796, mas ainda dos mais generos, por onde he facil calcular o proveito que delle tem resultado ao agricultor, aos negociantes que com elle tráficação, e á nossa Soberana.

Ainda que a primeira porção de algodão que de Paranambuc se mandou para Portugal, foi em 1778, com tudo, o numero das arro-

tas desde então até 1781 foi muito diminuto, e desse anno pôr diante, he que se foi augmentando mais consideravelmente este genero.

Daqui se vê quanto he importante a cultura do algodão em Paranambuc, pois o grande lucro, que promete, impelle a todos ao trabalho, tirando-os da ociosidade; dá valor ás terras que dantes o não tinham, com summo proveito do proprietario; anima o negociante ao mais vivo trafego, fazendo mais importante o nosso porto, e mais frequentado o de Lisboa pelos estrangeiros, que dão todo o consumo; os donos de navios tem avultado lucro nos seus fretes; pois que tem chegado a 10000 por cada arroba; S. Magestade mesmo percebe direitos, que não são de desprezar-se.

Até aqui tenho fallado do uso, que tem este genero no commercio para as fabricas de panos; agora tocarei de passagem noutros usos, que se podem estender muito, tanto na economia, como no uso medicinal.

As sementes do algodociro são compostas de huma fécula de mucilagem e de hum óleo, como tenho verificado muitas vezes por via de analyse: a dóze de azeite que tenho extrahido dos caroços do algodão, tem differido muito, de sorte que huma experiencia nunca condiz inteiramente com outra; porém tenho verificado que se aproxima mais á rasão de $\frac{3}{8}$: 1, ou $\frac{1}{2}$.

A qualidade deste óleo he excellente para

luzes, porque dá huma luz muito clara, e não he tão sujeito a fumar e a fazer murrão; mas as experiencias, que tenho feito, he tendo o trabalho de descascar os caroços hum por hum, e pizando unicamente a amendoa, o que he impraticavel em grande; e a maior difficuldade, que me parece ter para a execução do trabalho em grande, he serem as cascas ou pelles destes caroços elasticas, pelo que antes se amassão debaixo do estilo ou mão de pilão, do que quebrão; e para adquirirem a fragilidade sufficiente, he necessario levarem hum sol extraordinario, o que faz esta pratica difficil e quasi superflua em hum paiz como o nosso, onde temos grãos ou pevides muito mais convenientes do que esta para a fabricação do azeite. (1)

(1) Temos na verdade outras sementes de que com mais facilidade se pôde extrahir azeite, como as do carrapato *Ricinus palma Christi* Lin., andiroba corrupto vocabulo gendiroba *Peveilea cordifolia*, e desta fructa se extrahê o azeite com tanta facilidade, que basta deitar-lhe agoa fria depois de pizada, e sem hir ao fogo todo se appresenta na superficie; e delle tenho feito bom sabão para os usos domesticos, fazendo unicamente a lixivia, ou decoada caustica por meio da cal virgem, cujo annuncio já fiz a hum dos editores do *Palladio Portuguez*, e muitas pessoas já usão delle

A casca do arbusto, que nos dá algodão, he filamentosa, e contém linho, bem como todas as plantas malvaceas, a cuja familia natural pertence; pelo que bem podia servir ao menos para cordas, para estopa, &c.; porém

por minha insinuação, e espero que se vá vulgarisando cada vez mais. Temos outro óleo, que se extrahê com facilidade da fructa de hum arbusto chamado vulgarmente *batiputã*, que ainda não tive occasião de reduzir ao systema de Lineo, por não o ver florente: além disto temos duas especies de mandobim *Arrachis hypogea* Lin.: que dão muito azeite bom até para a uezza. O azeite de coco *cocus nucifera*, e de outras especies de palmeiras como o *catolê*, *baba-de-boy*, *turiti*, ani *Mauricia* Lin. O *pichi-y*, que por ser genero rovo lhe dei o nome de meu mestre *Chaptalia Pichi-y*, *Palladio Portuguez*, de cuja polpa se extrahê azeite comivel e muito saboroso, delicias dos habitantes do sertão; da amendoa do caroço extrahi excellentê sebo. O azeite de gergilim *Sesamum Orientale* tambem he excellentê, e esta semente rende muito. O oleo da *Oiticica*, que entra na classe *Octandria*, mas ainda não está descripto o genero, e nem eu o descrevi por ester a flor imperfeita. Não fallo em outros muitos fructos, de que se pôde extrahir oleo, como a castanha do café *Anacardium Occidentale*, o jucá não descripto &c.,

tambem no nosso paiz não temos necessidade, e nem devemos applicar esta casca a estes usos por duas razões: I. porque extrahida que seja a casca deste arbusto, elle morre, e não nos dá o lucro para que principalmente o cultivamos; II. porque o linho que dá não he tão forte como o do *Caruhá*, *Caraguatá* (1), *Caraguatá guassú*, ou *pitira* (2), *embira branca*, *embira vermelha*, *jongada*, *mororó de espinho*, *barriguda*, *macabiba*, *araticuns*, *carnahubas*, *ticuns*, *carrapixo guaxumas*, &c., das quaes plantas a maior parte n'o foi ainda descrita por botanico algum, e que deverião merecer ao Ministerio huma indagação a respeito das suas tenacidades e mais qualidades proprias para cordoaria, e eu não vejo trabalho feito neste genero, que nos ponha debaixo dos olhos huma taboa synoptica, para que pela comparação nos possamos desenganar de termos o gosto e a conveniencia de usarmos na nossa maninha dos linhos que o nosso paiz nos offerece naturalmente com tanta abundancia, de prefe-

e sobre este objecto estou preparando huma dissertação, que falta pouco para lhe dar a ultima mão.

(1) Em quanto a mim este *Caraguata* não he o *Filandria utriculata*, nem outros deste genero como vulgarmente se crê; mas he huma especie do genero *Brameliá*.

(2) Agave Americana.

rencia ao canhamo (1): eu ao menos nas duas dissertações que leio na collecção da Academia, não vejo nenhuma que tenha preenchido dignamente, e como deve ser, este objecto; huma que trata da *guacuma*, nem ao menos nos diz de que genero he esta planta, nem nos dá meios systematicos de a conhecer: a segunda omittio as principaes plantas, que julgo se aproximão mais á satisfação do nosso interesse. Eu não tenho até agora podido occupar-me inteiramente deste objecto; porque as occupações tendentes á minha subsistencia me divertião destas indagações, ainda que proprias do meu genio; mas agora que tenho a honra de ser empregado no serviço de S. Magestade na indagação dos productos de Historia natural do meu paiz, não deixarei de lançar mão deste artigo com brevidade, pois o acho de muita importancia, e o tratarei conforme permittirem as minhas poucas forças.

Hum quarto uso do algodoeiro que ha no nosso paiz, principalmente nas partes remotas, he o medicinal. A necessidade tem ensinado aos nossos rusticos, a virtude vulnerera, que possui o calix e as folhas desta planta; elles succão qualquer destas partes, e espremem o succo sobre as suas feridas, e obtem hum prompto effeito deste medicamento: eu não tenho visto esta pratica, mas tenho-me

(1) *Canabis Sativum* Lin.

aisto na precizão de usar delle em mntas occasiões, e em feridas muito consideraveis, e estou tão persuadido desta virtude do algodociro, que ainda na concurrencia de outros vulnerarios, prefiro sempre este. Eu attribuo esta virtude a hum balsamo, que contém, tanto as capsulas, como o calix e folhas, em pequenos foliculos espalhados na superficie destas partes, o que dá a vista de pequenos pontos denegridos; bem como o oleo essencial da laranja e do limão, que he igualmente contido em pequenos foliculos na superficie da casca. Eu tenho obtido algumas porções desta substancia, raspando e exprimendo com a lamina de huma faca a superficie da capsula. O cheiro e a propriedade de se dissolver no espirito de vinho me dizem, que se pôde arranjar no numero das rezinas cheirosas, ou balsamos.

(Continuar-se-há.)

*Memoria sobre a plantação e fabrico do Urucú.
por B* ,*

MR. Leblond cultivador em Cayenna, entre outros serviços que prestou á agricultura, deo-se á cultura e fabrico do urucú, do que tirou grande partido; sobre este artigo apresentou as suas observações ao Instituto de França, e sendo encarregado de as examinar Mrs.

Desfontaines, de Jussieu, Cels, e Vauquelin, todos convierão da sua utilidade: á amizade de Mr. Leblond devi a communicação deste seu trabalho; e he o suco da sua memoria e conversação a este respeito que vou dar ao publico convencido de que pôde ser util ao meu paiz.

PRIMEIRA PARTE.

Cultura do Urucuzeiro.

O Urucuzeiro he a *Bixa Orellana* de Lineo, e da familia das Tilliaceas: florece em ramilhetes de cor vermelha desmaiada, e ás flores succedem capsulas cobertas de pontas moles, e assás semelhantes ao ouriço das castanhas; são verdes ao principio, e passam gradualmente á carmezim, cor que tem quando estão maduras: e conhece-se que o estão, quando apertadas estallão; he então o momento da colheita, pois que mais tarde abrem-se por si, e as chuvas causão perda da materia colorante.

As lagartas não atacam o urucuzeiro, as chuvas e humidade lhe são favoraveis; o seu maior inimigo he o grande calor.

Esta arvore he indigena d'America meridional, e entre os tropicos e paizes quentes da mesma; e huma vez que se suba a quinhetas toezas do nivel do mar, senão encontra; assim buscar-se-hião em vão em Pamplona,

Santa Fé, Quito &c. &c. O uso que os Indios fazem do urucú pintando o corpo, deo a idéa de o empregar na tinturaria; a cubiça fez com que o pizassem, macerassem, e fermentassem, para augmentar o pezo, mas a venda lhe não correspondeo, e a diminuição do preço fez esmorecer a cultura, de modo que nas Ilhas do vento ex gr. apenas resta a lembrança de o haverem cultivado. Os habitantes porém da Guyana franceza reduzidos só á cultura das terras que senão innudavão, por necessidade continuarão com o urucú, mas cahio de preço, e a cultura foi desprezada, todavia tornarão-a a abraçar, e se exportarão desde 1790 até 1792 de 237 á 372 milheiro: e finalmente aproveitarão para esta cultura os pantanos esgotados.

Esta planta vem igualmente bem de semente e de estaca, se as primeiras retardão mais a colheita, em contraposição as arvores são melhores; e durão mais, fórmão-se viveiros, e chegando as plantas á altura de 10 polegadas, são boas de transplantar; os viveiros devem ser bem limpos, e renovados para poderem suprir as faltas da plantação.

Segundo a qualidade da terra he que se deve marcar a distancia das arvores; esta deve ser tal que os ramos se não cruzem afim de que o ar e a luz circulem livremente, e a inflorescencia de todos os ramos se facilite; 22 pés he a distancia, que em geral se pôde mar-

car nas boas terras, pois que seus ramos occupão o espaço de 20 pés, nas terras altas e más apenas occupão de 8 á 9 pés. Aos quinze mezes florece, e seis mezes depois dá a primeira colheita, que se pôde avaliar em 250 libras por quadrado de 50 toezas, e nos 6 mezes seguintes dá ainda 250 libras; no anno seguinte apenas dá 200 libras, e depois murcha e morre. Nas boas terras altas, sobe á 15 pés, e mais alto subiria, se quando chega á 4 ou 5, se decotasse, então ramaria por baixo, o que seria vantajoso. Em taes terras exige a distancia de 18 á 20 pés de planta á planta, e dura de 6 á 8 annos, começando a produzir aos 18 mezes; e cada quadrado chega a dar até 2 mil libras por anno, quando tem dois annos he huma planta completa, mas desde o 5.^o começa a diminuir de producto. Este porém nas terras baixas he mais vantajoso, e só para o 7.^o anno he que começa a diminuir; aos 20 mezes dão até 3 mil libras por quadrado, e aos dez annos inda dão metade.

A plantação d'urucuzeiros deve ser o mais bem alinhada que o terreno permitir, bastava a boa vista para isto se não desprezar, com effeito difficilmente se encontrão arvores mais lindas, ou estejam em flor, ou em fructo, o bello carmesim deste contrasta admiravelmente com o verde claro das folhas; de mais, alinhando as arvores, dá-se com certeza a distancia devida de pé á pé, os trabalhos da limpa

e colheita são mais facéis: sabe-se que entre duas arvores separadas de 18 á 20 pés são precisas tres pessoas para a largura da rua, e que 33 arvores dão a tarefa ordinaria de cem toezas.

Os uruczeiros exigem cuidados e limpeza mormente nos dois primeiros annos; deve-se evitar nas limpas o ferir-lhes as raizes em quanto são novos: convem chegar-lhes terra ao pé, e afastar deste a herva provinda das limpas, por que fermentando o queimaria. He uzo constante derrubar as primicias flores, a fim de dar a arvore tempo de crescer e fortificar. Se vierão de semente, não se deve deixar senão o pé mais vigoroso, quando tiver chegado a altura de 9 ou 10 polegadas; he máo o methodo de deixar dois. Deve haver o maior cuidado em substituir, com plantas do viveiro as que morrem. A tarefa de hum negro he de 100 até 120 toezas e huma de largo, segundo a difficuldade do trabalho.

Durante as grandes chuvas a herva crece muito, limpar então á enchada he por a terra em torrões; convem nessas ocações fazer a limpa com o alfange, ou foice, o que além de abreviar o trabalho, não volvendo a terra, impede as enchorradas de levar-lhes o humus, e sucos necessarios ás plantas; esta tarefa he de 150 toezas por pessoa. Sendo mui farta de medula esta planta, as parasitas, mormente o Agarrico ou Visgo, a perseguem, e he raro que havendo descuido, não esteja perdido hum tabo-

leiro, chegando á idade de 2 annos; he pois de summa importancia extirpa-las. Todavia outro inconveniente há então nas boas terras, e he que a planta vem a ter seiva exuberante, e sendo os ramos nimamente quebradiços, na limpa das parasitas os negros quebrão muitos, o que augmentando mais o excesso da seiva dá origem a infinidade de rebentões e ramos ladrões, que fazem mal ao producto da arvore. Obvia-se porém este inconveniente com o decote repetido duas vezes por anno, cada hum immediatamente depois de cada colheita. No decote devem-se abater os ramos mal dispostos, aquellos que estão mui proximos huns dos outros, os secos, ou que tem a casca destruida, e mormente os ladrões, que mui bem se distinguem, por serem direitos, ou verticaes, recentes, e mais verdes do que os outros: tirão-se com a mão em quanto novos, ou com a podoa, se estão já fortes: he mister grande cuidado nesta operação, e he bom não fazela por tarefa.

SEGUNDA PARTE.

Colheita e fabrico de Uruch.

Oito cestos, tendo cada hum capacidade para hum barril de farinha, he a tarefa por dia quando a colheita he abundante, e estando as arvores menos carregadas, então a tarefa he de seis cestos, e de 3 quando o estão ainda me-

nos. 8 destes cestos de urucú descascado devem produzir hum barril de semente: resta depois o rabisco, que se faz por dias.

Grande vigilancia he precisa para que os negros a fim de acabarem cedo a tarefa, não deixem as arvores pouco carregadas, colhão frutos verdes, e quebrem os ramos com seus ganchos: para evitar isto não se consentirão mais de dois negros em cada linha d'arvores, hum á direita outro á esquerda, e que todos marchem do mesmo lado, a fim de que não escapem á vista do feitor. Colhido o urucú, transporta-se para a manufactura, onde se verificão as tarefas.

Descaroça-se o urucú, abrindo-se a capsula; com o polegar, e o index apanha-se a pelicula a que estão pegadas as sementes; e estas facilmente se despeção: as negras e muleques são mais aptos para esta operação, que de ordinario he o passatempo dos serões.

Depois de separadas as sementes, pilão-se, e 17 negros devem dar por dia hum milheiro ou 30 barris, muitos lavradores quizerão empregar moendas, ou cilindros postos horizontalmente para este trabalho, mas, ou fosse falta de precisão na execução das maquinas, ou outra qualquer razão, não alcançarão o fim dezejado, e nem tambem servirão ás mãos de moinho, e continuarão com os pilões, trabalho longo e muito pezado. Arranjão-se debaixo de hum alpendre, que tenha agoa perto, coberto de palha e aberto dos lados, as canoas e utensilios ne-

cessarios á manipulação do urucú, e tambem hum pilão, diversas canoas, huma para macerar, outra na qual se depõe o residuo á proporção que se tira do maceradoiro, outra em que se precipita o urucú, e he a maior, devendo ter de 8 a 10 vezes mais capacidade do que o maceradoiro, estabelece-se no mesmo lugar hum forno com caldeira, e são mais precisas varias celhas, enias, pás, e peneiras. O pilão deve ser de grandeza accomodada ao trabalho, que se tem que fazer, e de madeira rija, e quanto ás chamadas mãos do pilão, são d'ordinario de 4 $\frac{1}{2}$ pés de longo, 3 polegadas de diametro, e as duas extremidades bem boleadas. O maceradoiro recebe a semente ao sahir do pilão, dilue-se em agoa, que a cobre a penas, onde fica até ser espremido, e espera-se para esta operação o tempo de chuva, quando os negros não podem ser empregados em outros serviços, vindo assim a estar em maceração muitas vezes até mezes, o que he muito mal entendido. Os negros em roda do maceradoiro, fazem com as mãos boias de urucú e as lanção nas peneiras, e destas são levadas para a canoa de descarga, onde são cobertas de folhas de bananeira; ficão alguns dias assim até soffrerem hum principio de fermentação, então he de novo pizado, e levado ao maceradoiro, e estas operações, que se repetem 4 a 5 vezes, em lugar de melhorar, damnifica a qualidade do urucú: mas augmenta-lhe o pezo, e o lavrador goza do seu engano.

Não restando mais semente no maceradoiro, a agoa estando em consistencia de massa liquida, he levada á canoa, onde deve precipitar, sendo passada por peneiras finas, que dem passagem á corpus estranhos; as peneiras de pano não são boas, pois que com o raspar para ajudar a passagem, rompem-se. O urucú nesta canoa fica a depor por espaço de 15 dias no Estio, e o dobro, e mesmo mais, no tempo das chuvas.

Depois de precipitado o urucú, leva-se a sua agoa para o maceradoiro, e tem-se notado que ella o precipita em hum terço menos de tempo do que a agoa ordinaria, sem que mesmo se possa suspeitar que seja devido á fermentação que se desenvolve na tina, e que he mais prompta no tempo seco do que no chuvoso e frio. Esta fermentação dá origem a hum acido, que neutraliza o alkali, (1) que abandona o urucú, e o deixa precipitar; ella he retardada, ou accelerada por circumstancias que os lavradores não sabem apreciar, e por mais que digão, não posso convir que a levem ao ponto de putrefacção a que chega: com effeito isso deve deteriorar a qualidade do producto, o que só bastava para obstar á ella, quando não fosse de mais o cheiro insupportavel que se desenvolve, e causa molestias analogas ás que atacão aos limpadores das cloacas.

(1) Este alkali foi descoberto por Mr. Vauquelin.

Huma vez precipitado o urucú, pôde ser cozido, e conhece-se pela agoa que tem perdido a sua cor avermelhada. Leva-se pois o urucú para a caldeira, e faz-se evaporar, e á medida que a agoa se consume, lançaõ-lhe nova, hum ou dous homens continuamente raspão o fundo e lados da caldeira com pás de ferro e cabos de pau; e acaba a operação logo que se não vê mais a agoa ferver, e que por entre a maça já espessa, escapão apenas algumas bolhas. Tira-se então o fogo e deixa-se arrefecer: esta cocção dá ao urucú huma consistencia, que não tem o que he obtido pela lavagem.

Tendo arrefecido, he posto em caixas de sete á oito polegadas de altura, expõem-se estas caixas ao ar livre, mas á sombra, pois que o sol lhe daria huma cor negra; nesse estado se deixa secar até o ponto em que, enterando-se-lhe os dedos, se suspenda huma massa de 15 arrateis pouco mais ou menos. Este he o estado em que os lavradores da Guyana levão o urucú ao mercado, e dentro de cestos bem forrados de folhas, pezando cada cesto 70 arrateis, que he a carga de hum negro.

Para embarcar o urucú, poem-se duas grandes folhas em cruz, e sobre ellas huma maça de 12 libras em forma de pão, do diametro da barrica: cobre-se com outras duas folhas, e poem-se assim no fundo da barrica, acañão-se deste modo 3 ou 4 pães sobre os

quaes se applica huma taboa com hum pezo de 50 libras, e do mesmo modo se continua até cocher a barrica, que deve pezar de 340 á 360 libras; isto feito, tapa-se.

Passando o pezo das folhas a mais de 6 por cento, he fraude, mas esta tem hido a ponto até de se acharem mesmo pedras nos barris. Porém a peor das fraudes he deixa-los vazios, e enche-los depois com agoa.

Havião em Cayena pessoas nomeadas pelo Governo para o exame do urucú; e a pratica era tomar huma onça em hum guardanapo, ensopa-lo, e espreme-lo em hum copo até descarregar toda a cor; pezava-se então o residuo, e se passava de 45 grãos, o urucú podia ser refugado; e decidião do morlente esfregando-o na unha que ensabovão, e lavavão depois; senão deixava marca avermelhada podia ser refugado igualmente. Tal he a pratica seguida na manipulação do urucú, e a descrevi para que melhor se notem os seus defeitos, os quaes passamos a relevar.

Mr. Leblond apresentou o seu trabalho em Pariz á Mrs. Fourcroy e Vauquelin, e das experiencias feitas com sementes levadas de Cayena, desses dous celebres Chemicos nascerão novas luzes, e concluírão que, em vez de pilar o urucú, melhor seria depois de descascado po-lo á macerar até inchar á ponto de poder-se esmagar entre os dedos, para mais facilmente se separar a materia colorante.

Em vez de poupar a agoa, conviria que ella cobrisse a semente na altura de 4 á 5 polegadas a fim de dar ao urucú todo o espaço necessario para melhor separar, e dar mais fluidez para ser peneirado. Os negros farião quarto, e mecherião, e esfregarião as sementes entre as mãos; esta operação continuaria até que por ensaio feito á parte, se conhecesse, ajuntando-se nova agoa, que havia deixado toda a materia colorante. Depois levar-se-hia esta agoa para a tina, aonde deve precipitar, sendo ahi passada pela peneira, e a semente depois de peneirada e lavada repetidas vezes, seria lançada fóra.

Sendo mister desembaraçar as tinas da grande quantidade d'agoa empregada em separar o urucú, e consequentemente faze-lo precipitar, propomos o vinagre (1), acido de que se pôde obter a quantidade que se quizer. Segundo o methodo de Chaptal (2) o vinagre lançado na tina precipitante, antes, ou depois de vazár a

(1) Esta proposição he para accelerar o trabalho, o que se pôde dispensar querendo-se ir mais lentamente.

(2) Processo sumamente facil para o que se pôdem empregar muitos vegetaes taes quaes o arros, milho, cannas d'assucar, batatas, inhames, quiabos, &c. ajuntando sómente em huma barrica d'agoa, huma porção de sumo de limão ou d'ananas, &c. Vid. Chímica de Chaptal.

agaa carregada de urucú , produziria o effeito desejado.

Conhecer-se-hia que havia acido sufficiente pelo ensaio da mistura em hum copo de vidro ; estando assás faturado , ver-se-hão as parcelas do urucú separadas nadarem ; em caso contrario ajuntar-se-hia mais vinagre ; e estar-se-hia seguro de que todo o urucú precipitaria de hum dia para outro.

Em vez de cuias e baldes , seria melhor varzar a agaa por catimploras , ou por furos praticados em diversas alturas da tina , cujas rolhas se tirarião na altura que a agaa sobrenada-se ao precipitado : o urucú seria então levado á caldeira para evaporar toda a agaa , e não por que tenha necessidade de ser cozido ; ou mesmo poder-se-hia livra-lo de toda a agaa por meio dos coaaloiros de pano , como se faz ao anil.

Segundo os melhores tintureiros francezes , ha urucú tal , que precisa ser empregado em 3 partes mais do que o bom para dar a mesma cor. Ora esta perda de materia colorante de hum para tres parece devida á fermentação putrida muito prolongada que soffre , como acontece com o anil , quando fermenta em demazia ; inconveniente á que se obstaria pelo nosso methodo , no qual não ha fermentação alguma , e com effeito o que he preciso he separar a materia colorante da semente , na qual ella se acha formada.

Segundo os Tintureiros o urucú de lavagem dá hum lustro vivissimo ás sedas ; e linda

cor , e para se obter o mesmo com o urucú do commercio , serião precisas 4 vezes mais ; e que 5 partes de sementes , taes quaes as arvores as produzem , dão pela lavagem ao menos huma parte do urucú sem manipulação alguma , mas vale também quatro vezes mais do que o do commercio , e tem a vantagem do menor volume , e exige menos preparos para ser empregado.

Ora , se pelo outro methodo se obtem em urucú metade do pezo das sementes (o que he sem duvida exagerado) 5 mil libras de sementes dão 2500 d'urucú ordinario , e pela lavagem , e sem pilar darião mil ; porém estas contendo 4 vezes mais materia colorante , e valendo 4 vezes mais , temos que muito , mais vantajozo he o extrahir o urucú só pela lavagem.

Vemos do exposto 1.^o que pelo methodo novo o lavrador , além do grande beneficio , poderia dobrar a sua plantação com o mesmo numero de braços ; que o Mercador tendo hum volume 4 vezes menor ganharia também , e que o Tintureiro não seria enganado , e teria menos trabalho empregando esta cor.

Mr. Decurel filho, Tintureiro de Paris assegura que huma libra de urucú do commercio faz o mesmo effeito que 4 onças do preparado como indicamos.

O Ex.^{mo} Antonio de Araujo , que se esmera todo no que pode ser de utilidade á este paiz , em Novembro de 1809 , vindo de Santa Cruz , trouxe huma porção de sementes do uru-

eu, e o seu genio prescurtador da Natureza não descansou sem que debaixo da sua direcção e no seu laboratorio visse José Caetano de Barros fazer ensaios sobre essa produção, dos quaes eis o resultado.

Principiou o processo no dia 6 de Dezembro ás 5 horas da tarde. Pezou 3 onças de urucú pizado, e o lançou em 5 onças de agoa comum; passadas duas oras o liquido tomou a consistencia de pasta hum tanto rija; lançou-lhe mais 5 onças d'agoa: no dia 7 á tarde appareceu na superficie bastante espuma, e cheiro analogo ao do leite pouco fermentado. No dia 9 o mesmo cheiro, e huma crusta fina e branca. No dia 11 nova crusta e cheiro mais forte. Nos dias 12 e 13 desenvolveo-se fetido insupportavel. No dia 14 já não era tanto. No dia 15 passou a agoa para outro vazo, e sobre o bagaço (depois de pizado de novo) lançou nova agoa, e duas horas depois a tirou, e separou, lançando-lhe nova agoa. No dia 17 notou nas 3 superficies pellicula amarelada, e menor cheiro e assim ficou até o dia 22, em que ajuntou as 3 porções d'agoa livre do bagaço, e a levou ao fogo, onde esteve enquanto apparecerão espumas, as quaes tirava á proporção que subião á superficie; evaporou depois estes á fogo brando até o ponto de ficarem em huma massa analoga á do pão; tirou-a do fogo, e lançou-a sobre huma meza, onde ficou em estado de se lhe dar

a forma que se quizesse = o total erão 3 onças.

	onç	oit	gr
Pezava a massa	7	5	8
o bagaço a	8		
	<hr/>		
	2	7	66

No mesmo laboratorio trata-se de levar avante os ensaios sobre o urucú; hem como se tem feito sobre outros artigos summamente interessantes como a porcelana, destilação de diferentes licores, &c.

Seria do maior interesse que tão digno desejo de conhecer as produções do mais rico dos paizes se propague, e que não deixemos ignorados, e nos privemos a nós e ao resto do mundo das vantagens e riquezas de que somos possuidores.

HYDROGRAPHIA.

Methodo, que se seguiu no trabalho Hydrographico da Planta do Porto do Rio de Janeiro, levantada por Ordem do Serenissimo Senhor Infante Almirante General, em o anno de 1810.

1.º

A baze das operações foi tomada na face do S. da Ilha do Governador, contando-se da Ponta do Galião para E. té ao Campo de São Bento, onde termina; esta baze he de 7200, 09

d

pez Inglezes, ou 10000 palmos, grandeza a mais satisfatoria para o progresso do trabalho, por quanto os seus extremos com o ponto que immediatamente se offerece a determinar formão hum triangulo equilatero proximalmente; a operação da medição foi executada pelo Capitão de Fragata Manoel Ignacio de Sam-Payo, e os mais Officiaes então empregados, com o maior escrupulo, e exactidão, servindo-se para isto de tres instrumentos diferentes, a saber a cadeia de 100 pés Inglezes, outra dita de 100 palmos, e o Escantilhão, medida Portugueza de duas braças, os resultados desta tripla medição forão proximalmente os mesmos, sendo porém o medio o que se deduzio da medida pelo escantilhão, o qual se adoptou. Da combinação dos resultados destas diferentes medidas, se deduzio mui exactamente a razão do pé Portuguez ao Inglez, o que melhor se vê na Arithmetica de Biot, modernamente traduzida pelo Major do Real Corpo de Engenheiros Francisco Cordeliro da Silva Torres.

2.º

Seguia-se aqui o mappa incluzo dos triangulos, que rezolvidos determinarão os diferentes Pontos; o qual daremos em outra occasião.

3.º

As margens, como se vê na Planta, são de

tres especies distinctas, a saber arenozas, pantanozas, ou pedregozas, as partes tranzitaveis, como praías d'area &c. forão contornadas com a plancheta, orientando-se sempre este instrumento por pontos bem calculados; as outras impraticaveis ao uzo dos instrumentos, que vem a ser os lugares pantanozos, e pedregozos, determinarão-se do modo seguinte. Collocavão-se dois observadores, cada hum com hum theodolito, em dois diferentes lugares, que formassem com qualquer ponto, que se tomásse no espaço, cujo contorno se deatjava, hum angulo entre 60° e 120° (1), ao mesmo tempo outro observador hia axaminar o dito espaço, que se pertendia contornar; e nelle escolhia tantos pontos, quantos fossem precisos para que, unindo-se por meio de huma linha, desse exactamente a configuração do terreno; em cada hum destes pontos escolhidos, fazia hum signal, que era observado por ambos os theodolitos differentemente collocados, ficando pelo cruzamento destas duplas observações determinados os ditos pontos, e pela união delles contornado com huma exactão satisfi-

d ii

(1) Quando se determina hum ponto por meio do cruzamento de observações, deve-se procurar que ellas se não cruzem em angulo muito agudo, ou muito obtuzo, porque em ambos os casos o ponto de contacto das linhas fica muito incerto.

factoria o espaço, que se pertendia. Este methodo concilia a exacção, e a brevidade, pois que repetidas observações, que fiz, a este respeito, me derão a conhecer que, uzando d'elle em 3 horas se contornava o espaço de huma legoa, quando por meio da plancheta no mesmo tempo se não adianta $\frac{1}{2}$, por quão habil seja o empregado, occupando aliás o mesmo numero de cooperantes.

As sondas foram analogamente determinadas pelo cruzamento de observações simultaneas, feitas com dois theodolitos differentemente collocados, referirão-se todas ao baixamar d'agoas vivas, para cujo fim se tinha cravado verticalmente n'huma praia huma vara metricamente graduada; durante o trabalho da sonda se observava na dita vara, o grão de altura d'agoa acima do baixa mar, e por este modo se diminuia a cada huma das sondas, a correspondente correção, quando succedia não serem feitas mesmo na crise do baixa mar.

4.º

Observações, e Calculos, que derão a conhecer o Estabelecimento do Porto.

Em o dia 17 de Abril de 1810, marcando o Relogio $11^h 43' 8''$ se observou com o Theodolito a alt. do \odot $53^{\circ} 8'$; Erro do Instr. $1' 30''$ subt.

		Angulo Horario
Alt. Obsv. \odot	$53^{\circ} 08' 00''$	Com outra observação semelhante, que se fez neste mesmo dia, se deduzio o erro medio do Relogio $0^h 44' 57''$
Erro do Instrm. —	$1 30$	
	$53 06 30$	
Sem-di. do \odot +	$16 00$	
	$53 22 30$	
Ref. — Parl.	34	
A. V. do cen. \odot	$53 21 56$	
Dist. Polar.	$100 22 35$	art. sen. $0,0071628$
Lat.	$22 54 12$	ar. sen. $0,0956618$
Soma	$176 38 43$	
$\frac{1}{2}$ Soma	$88 19 21$	cos. $8,4665497$
$\frac{1}{2}$ Soma — Alt.	$34 54 24$	sen. $9,7581008$
		Soma. $18,2674956$
	$7 49 13 \frac{1}{2}$	Soma. $9,1387478$

		h	'	"
Ang. Hor.	15 38 26	=	1	02 34
			12	00 00
Hora Verdadeira.			10	57 26
Hora do Relógio.			11	43 08
Adiantamento do Relógio.			45	42

No mesmo dia 17 se observáram as seguintes alturas correspondentes da maré ás horas marcadas.

	Antes do Preamar	Depois do Preamar	
	h	'	"
1. ^a	0	40	00
2. ^a	0	53	00
3. ^a	1	26	30
4. ^a	1	50	30
	h	'	"
1. ^{as}	0 40 00	h	'
2. ^{as}	0 53 00	h	'
3. ^{as}	1 26 30	h	'
4. ^{as}	1 50 30	h	'
	Alt. med.	D. d. Long.	152 45 00
		do ☉ a da ☽	
		Correc.	+ 45 00
		H. da p. ☽	10 21 00
		p. mer. inf.	
		soma.	11 06 00
		H. do Preamar.	13 42 58
		Est. d. Porto.	2 36 58

H. do Preamar)
 Pelo Relógio.)² 27 55
 Erro do Rel. - 0 44 57 Par. horiz. da Lua

H. V. do Preamar. o ' "
 1 42 58 00 57 00

Semelhantemente se calculou o Estabelecimento do Porto para os dias 18, 19, 20, e 21 do mesmo mez, cujos resultados foram os seguintes :

	Abril.	h	'	"	
Dias em que se fizeram as Obsv.	17	2	36	03	} Estabeles.
	18	2	39	35,5	
	19	2	28	26	
	20	2	32	41	
	21	2	29	45	
	soma.	12	46	30,5	
Estabeles. medio de todos.	2	33	18,1		

Estas Observações foram feitas na occasião da Lua cheia, que succedeo no dia 19. No dia 3 de Maio, dia da Lua nova se fizeram novos calculos, e se obtiverão os seguintes resultados.

	Maio	h	'	"	
Dias em que se fizeram as Obsv.	3	2	28	06	} Estabelesci.
	4	2	38	35	
	soma.	5	06	41	

Estabecimento medio.	2 33 20,5
D.º pel. Ob. na L. ch.	2 33 18,2
soma.	5 06 38,6
Estabel. adopt.	2 33 19,3

Hora observada, e correcta do Preia- } h ' "
 mar no dia do Plenilunio. } 2 48 26
 Dita no dia do Novilunio } 2 49 06
 Rumo a que demora a Lua
 na occazão do Estabelesci. 38º 19' 30". NO, SE

Todas as observações d'Alturas do Sol, forão feitas com os theodolitos nivelados como Quadrantes, com a cautella de se lhes determinar o erro.

As observações da maré forão executadas, cravando verticalmente proximo da praia, huma vara graduada, e observando com a maior attenção sobre a dita vara, as alturas d'agoa correspondentes, antes e depois do Preia mar, e não muito afastadas d'elle; vindo deste modo a ser a hora do preamar observada a media de todas as correspondentes, em tudo conforme ao methodo, que para este fim expõe Mr. Biot no seu moderno tratado de Astronomia Fizica. Estas operações forão executadas em praias muito abrigadas, e assás proximas da Barra, para que o seu rezultado se possa tomar como na mesma Barra, onde a grande oscillação das agoas, parece fazer impraticaveis semelhantes observações, muito principalmente

sem os instrumentos proprios para esse fim como tubos de vidro &c.

N. B. Por algumas observações, que modernamente tenho feito, vim no conhecimento da alteração que tem acontecido em alguns dos canaes estreitos deste Porto, por exemplo o canal, que vem da ponta do Trem ao morro de S. Bento, tem profundado desde que se levantou a Planta até o presente, dois palmos, ao mesmo tempo que emcima do baixo que limita o dito canal, se encontra menos 1 $\frac{1}{2}$ d'agoa; por huma serie de observações semelhantes se pôde com muita aproximação calcular o estado dos canaes, e baixios, que os formão daqui a hum certo espaço de tempo; e taes observações serião muito proveitozas, pois por ellas se conheceria o que se devia emprender para accelerar, ou impedir a influencia das correntes, que motivão as mudanças de estado dos ditos canaes, conforme esta mudança fosse, ou não proveitoza á belleza do Porto.

D. J. B.

M E D I C I N A.

No anno de 1798 se propoz por Acordo da Camara desta Cidade a varios Medicos, hum Programma que tinha por objecto os quesitos seguintes.

P E R G U N T A - S E

1.^o Quaes são as molestias Endemicas da Cidade do Rio de Janeiro, e quaes as Epidemics.

2.^o Se he huma das principaes causas das primeiras, e do máo successo das segundas, o clima nimamente humido e quente.

3.^o Se são causas da humidade 1.^o a summa baixeza do pavimento da Cidade relativamente ao mar e bahia, que a cerca pelos tres lados de Lest-Sueste, Nordeste, e Nor-Nordeste, de sorte que apenas se eleva do nivel das agoas das marés cheias de 5 a 11 palmos desde as praias até á maior distancia dellas no campo de Santa Anna, distante do mar 700 braças; 2.^o a pouca expedição, que tem as agoas das chuvas copiosissimas, principalmente de verão, e enxugadas então quasi só a força do grande calor do sol, mas em muitas partes sempre estagnadas; 3.^o a pouca circulação do ar pelas ruas da Cidade e interior dos edificios.

4.^o Se são causas do calor 1.^o o impedimento, que fazem á entrada dos quotidianos ventos matutinos ou terraes, que soprião da parte do Nordeste, Norte, e Noroeste, os morros, que correm de S. Bento até S. Diogo, na direcção de Lest-Nordeste, e á dos vespertinos, ou viraçes mais fortes que os primeiros, constantes da parte do Sueste, Sul, e Sudoeste, os morros do Castello, Santo Antonio, e Fernando Dias parallellos aos outros, de sorte, que fica a Cidade situada entre as duas cordas dos ditos morros, e inteiramente ao abrigo dos ventos; 2.^o a direcção das ruas ao Nordeste e Sudoeste de sorte que todas as casas são banhadas do Sol inteiramente de manhã e de tarde.

5.^o Se são causas das mesmas doencas, 1.^o as immundicies, que se conservão dentro da Cidade, 2.^o as agoas estagnadas nos seus arrabaldes, como em Mataporcos e Catete, pela baixeza do mesmo terreno:

9.^o Quanto deverá ser elevado o pavimento da Cidade, e os edificios para remediar aquella humidade, e haver sahida para as immundicies.

7.^o Quaes são as outras causas moraes e dieteticas das ditas doencas.

Resposta, que deu o Doutor Manoel Joaquim Marreiros, aos quesitos precedentes.

HAvendo de tratar-se sobre as doenças de qualquer Paiz; he de necessidade o recorrer ao exame das cousas chamadas não naturaes, para descobrir as causas.

O Rio de Janeiro, situado quasi debaixo do Tropico de Capricornio, e proximo a escapar á Zona Torrida, occupa lugar na extremidade de huma vastissima planicie, que representando o fundo de huma bacia, he circundada por huma cadeia de serras empinadas, mananciaes de copiosissimas agoas, as quaes, apezar de caudalosos rios, que as conduzem ao braço do mar, intromettido em fórma de huma bahia, em muitas partes estagnão, pela pouca inclinação do terreno, todo baixo a respeito do nivel do mar, evaporando-se lentamente por falta do movimento do ar: este degenera da sua pureza impregnado de agoa, hydrogenio, e inflammavel, proveniente dos charcos e da mesma terra em geral, que apresentando a superficie torrada, occulta a superabundante humidade a poucas polegadas de profundidade, dispõe os corpos para as acrimonias particulares, matrizes de erisipelas, impigens, sarnas, edemas chronicos, e da doença vulgarmente chamada Mal de São Lazaro, de febres remittentes ordinariamente nervosas: de innume-

raveis indisposições de entranhas, principalmente bofe, e figado; do que provém numerosas tísicas, e os vulgarmente denominados tuberculos, que consistem essencialmente em huma obstrucção do figado, interessando por consenso o bofe.

Todas estas enfermidades em as reputo indemicas, como abaixo responderei, pelas singularidades que as acompanhão, pois em todas mais, ou menos, se pôde mostrar alguma differença a respeito das discripções traçadas segundo as observações feitas em outros Paizes, além de apparecerem em todos os tempos do anno, nos quaes indifferenteemente se encontrão as ditas remittentes nervosas, erisipelas, catharros &c.; ainda que tudo mais enfurecido nos mezes quentes e humidos, isto he de Outubro até Março. A respeito do ar, nota-se aqui, que ordinariamente influem muito poucas enfermidades as mudanças de estações, porque estas se confundem, e nunca se podem dizer fixamente estabelecidas: existe porém huma continua variação de temperatura athmosphérica, desorte que em poucas horas sobe, e desce o Thermometro oito, ou dez grãos, e não abaixando de sessenta no mais intenso frio: daqui se pôde inferir quanto padecerão os corpos por transpirações repercutidas, espasmos suscitados por huma perpetua mudança de estado, e rotura de equilibrio da economia animal, regulando-nos pela segunda parte do

App. 1.^o da Secc. 3.^a de Hip. = „ *Tempes-*
 „ *tatum anni mutationes potissimum morbos pa-*
 „ *riunt, et in ipsis anni tempestatibus magne*
 „ *mutationes, aut frigoris, aut caloris, alia-*
 „ *que pro ratione ad hunc modum.* Esta origem de
 enfermidades inevitavel só se poderia emendar,
 ou para melhor dizer só viria a ser illudida,
 oppondo-se-lhe huma bem acertada educação
 physica, por meio do qual os corpos della
 zombassem. A esta causa universal de insalu-
 bridade se aggregão muitas mais particulares,
 proprias a aggravar o defeito da atmosphêra,
 conio 1.^a a direcção de algumas ruas dispostas
 a estorvar que transitem livremente pelas casas
 de tarde a viração, e de manhã o terral,
 unicos correctivos do vicio do ar; 2.^a a mal
 entendida construcção de casas com pequena
 frente, e grande fundo, propria a diminuir
 os pontos de contracto de ar externo com o
 interno; e sendo assim 3.^a o terreno natural-
 mente humido sobre que assentão as ditas ca-
 sas, feito de peor condição pelas muitas agoas
 cujas indiscretamente lançadas nas chamadas
 areas das casas, ás quaes não obstante serem
 descobertas, mal chega algum raio do sol per-
 pendicular, e menos alguma particula do ar
 livre: 4.^a o desaccio das praças proveniente
 dos despejos, cujos effluvios voltão para a Ci-
 dade envoltos com os ventos, e os podem fa-
 zer pestiferos: as Igrejas loucamente recheadas
 de cadaveres por huma indiscreta devoção: a

vella, o cano, a cadeia, os esterquilhões
 vagos, em fim tantos depositos de imundices
 que ha bastante motivo a suscitar-se huma
 interessante questão = a saber, porque da
 reunião de tantas e tão poderosas causas de
 corrupção, esta se não levanta em hum grão
 eminente? E assim seria a meu ver, se não
 fosse correcta pela saudavel exhalação dos
 grandes matos vizinhos á Cidade, que são
 huma officina de ar vital, conforme as recen-
 tes observações feitas sobre os vegetaes; don-
 de se deve concluir a importancia da conser-
 vação e propagação de arvores dentro e nas
 visinhanças das povoações taes como o Rio
 de Janeiro.

Não he menos attendivel no exame das
 enfermidades o artigo da dieta, em que se
 adoptão erros enormissimos: enfraquecidos os
 corpos, e arruinados pela influencia do ar vi-
 ciado, acabão de o ser pelos mal escolhidos
 alimentos, entre os quaes mostra a experien-
 cia, que he muito nocivo o uso do peixe,
 facilissimo a corromper-se, e das misturas es-
 timulantes, com que pertendem excitar a vora-
 cidade, e o appetite desvanecido pela debili-
 dade natural: daqui resulta novo fermento pa-
 ra gerar acrimonias, que unidas á frouxidão
 predominante, produzem, ou doencas agudas
 de pessimo character, ou mais ordinariamente
 desañão a força da vida a promover a sua
 expulsão por meio de erisipelas, e de todo o

genero de erupções agudas, ou chronicas conforme a idiocrasia do sujeito. A falta de emprego para numerosos individuos de ambos os sexos, mais principalmente feminino, tambem agrava todas as causas, estragando a constituição phisica, e moral. Depois deste pequeno numero de previas ponderações, passo a responder em breve ao primeiro quesito.

Que segundo a mais estreita definição de doenças endemicas, não achamos no Rio de Janeiro doença, que se não encontre em outros paizes debaixo de diferentes climas, e diversas temperaturas, muito principalmente nos que se achão em circumstancias iguaes ás deste: mas he certo que algumas enfermidades, vulgares em outras partes, aqui relusem com symptomas particulares no modo da invasão, duração e maneira de terminar, desorte que estas mesmas quasi se podem reputar endemicas em sentido rigoroso, e consistem principalmente em febres remittentes, inchações chronicas, sendo algumas de genero particular, a que eu daria o nome de crescimento vicioso, ou engrossamento sobrenatural de fibras: em ataques de peito, de que provém a tísica rapidissimamente confirmada, concludo-se os doentes sem que passem pelos estados ordinarios em outros paizes, ou passando-os sempre atropeladamente: em embarções de Fígado promptissimo a occupar-se, e que neste estado, interressando com celeridade o bofe, produz frequen-

temente a doença conhecida pelo Povo com o insignificante nome de tuberculo, quasi sempre irremediavel, sendo aqui perceptivel o intimo consenso das duas entranhas, bofe e fígado, pois que os tísicos acabão a sua rapida carreira sempre obstructos do fígado, e os tuberculosos tambem perecem em breve espaço com grandes suffocações; e por fim concludo, que as doenças endemicas se confundem com as epidemicas, até as mesmas bexigas, que reinão em todas as estações e quasi nunca cessão. Ao segundo quesito respondo affirmando o que nelle se contém. - Ao Terceiro - Que se verifica quanto nelle se propoem, devendo considerar-se da maior importancia que o centro e as partes adjacentes sejam gradualmente mais elevadas, que as extremidades: razão porque em muitas partes deverá ser o terreno rebaixado por lhes não competir tanta altura a respeito de outras mais centraes. - Ao quarto satisfação dizendo que sim a tudo, e só accrescento que, não podendo evitar-se o damno, que provém de ficar a Cidade abafada pelas montanhas destas, contudo se pôde tirar algum partido fazendo que sejam cobertas de arvoredo, o qual mostra a experiencia quanto ahí prospera. Para se decidir o que toca ao sexto era necessario hum escrupuloso nivelamento. Para satisfazer ao septimo, nas ponderações preliminares apontei algumas causas dieteticas, que me parecem mais generi-

cas. Sendo inutil a indagação dos males, quando se não applicão os remedios, eu me acianto a propor alguns, os quaes eu faço consistir, pelo que pertence ao Physico, — 1.º exteriormente em elevar, e abaixar o terreno nos diversos lugares, como for conveniente para evitar o estagno das agoas: interiormente, em examinar, se as casas se achão com os seus canos desembaraçados para a expedição das agoas da chuva, admoestando os habitantes (vista a impossibilidade de coação a este respeito) para que não lancem outras impuras nas suas pequenas areas, pelo damno, que lhes resulta de semelhante desatino. 2.º Em providenciar ao despejo da Cidade, desorte que se evite a fazer-se ao longo das praias, donde não havendo sahida pela traca açoão da maré em esses sitios se exhala o mais pestifero cheiro, que todos experimentão, e menos nos diversos esterquilinos, que a miseria e indolencia continuamente fabricão. Esta desordem he remediavel por meios dispendiosos, pois seria crueldade empregar a força sem facilitar o recurso. Já tem sido lembrado o arbitrio das barcas, que recebendo os despejos por pontes as mais extensas, que possível for, na hora da vazante, seão conduzidas a reboque até fóra da Barra, onde por valvulas se desonerem: este meio he dispendioso, pois requer ao menos a construcção de dez barcas, e de embarcações para o reboque, concertos, pagamentos de dez negros

para o serviço de cada huma com seus Guardiaens: o Publico podia concorrer pagando os proprietarios dos edificios conforme as braças da sua testada: este pezo se suavisaria com outra commodidade imaginavel, a saber, os negros alugados para o serviço das barcas, nas horas vagas dirigidos pelos seus Guardiaens, dever-se-hiço empregar em conduzir huma tina de despejo de cada casa indistinctamente nos districtos certos por distribuição: os pobres desta sorte por hum pequeno augmento do aluguel das casas, virião a desfrutar huma commodidade que lhes custa muito mais na roda do anno: os mesmos negros poderião fazer o despejo quotidiano da cadeia, cujo cano devia ser entulhado: da mesma sorte a respeito dos Hospitaes. Não deve esquecer a reforma e concerto da valla e cano, desorte que deixem de ser hum deposito infernal de immundicie. Pelo que pertence ao Moral, ganhar-se-hia muito em huma Policia exacta em conservar occupados os individuos de ambos os sexos, acautellando que se não demorem dentro da Cidade numerosas familias, que gemem debaixo da maior indignidade, apinhoadas em pequenas casas, onde comem mal, dormem peor, e respirão pessimamente em huma atmosphera pouco menos que sepulchral, dando-se-lhes destino, que os obrigasse ao trabalho campestre; até as mesmas mulheres licarião de melhor fortuna, e a Cidade mais descarregada.

L I T E R A T U R A .

O D E .

A' partida de S. A. R. o Principe Regente Nossa Senhora, de Portugal para o Brazil, feita em Paris aos 5 (a) de Janeiro de 1808, e recitada em presença dos Bons Portuguezes alli existentes

*Por B. ****

Novus ab integro sæculorum nascitur ordo.
Virg.

O Sceptro dos Bourbons em mãos alheias
(He certo, oh Póvos, eu deliro ou sonho?)
O Mundo faz tremor, baquear Thronos,
E Novos Thronos ergue?

Marengo o nome teu lança no olvido,
Oh Patria dos Catões, Patria dos Fabios,
E tu, Germania, de teu lustre baixas
D' Austerlitz nos campos ?

No Templo da Memoria, oh Frederico,
O certamen de Yena ao de Rosbach
Com que magoa comparas? quanto pejo
Friedland te cauza, oh Pedro?

(a) Dia, em que se annunciou em Paris a partida de S. A. R. e de Sua Augusta Familia.

Batavo creador, Batavo livre,
A terra, que formaste, a Liberdade
Deixas roubar, e affoitas vellias tuas.
Amedrenta Neptuno?

Que! D' Hespanha os Leões em ferros gemem?
Britannico Leopardo, que! . . . vacillas?
Póvos, quem s' opporá da França avara
A's Aguias destructoras?

Ronca a trombeta o som da guerra; eis partem
Guerreiros batalhões, oh Lusitania,
Teus filhos Marte horrendo, sim teus filhos
Vai-te arrancar do seio:

Os campos tala . . . oh Ceos, sustei seu braço,
Meus Irmãos afastai ao golpe infausto;
Oh Ceo, salvai o Principe Adorado,
A Mãi, a Esposa, os Filhos!!

Omnipotente Deos, se o voto escutas
Dos humildes mortaes, ampara, ampara
Dos Portuguezes Reis a Prole Augusta,
A Prole, que tu amas!!

Do meu Principe o amor onde me arrasta? . . .
Onde . . . o amor da Patria? . . . como . . . em tremo!
Sou Portuguez e tremo! . . . hum braço invicto
Portugal não protege?

No Portuguez Monarcha, oh França, encara
 Dos Braganças o Tronco; vê que os Castros
 Albuquerquez, Menezes nunca morrem;
 Nunca morrem Pachecos,

Os braços, que dois Mundos vassallarão,
 Erguendo as Nobres, vencedoras Quinas,
 Para dos Gallos destroçar cohortes
 Só do signal dependem.

O tambor, a trombeta guerra estrugem,
 Echo ao longe rebomba guerra, guerra;
 Portuguezes ás Armas, eia ás Armas:
 E ás Armas correm todos:

O antigo brío, os feitos portentozos,
 As passadas proezas se recordão;
 D'este os Almeidas, dos Pereiras outro
 O Espirito endeôza:

Da Paz ao ocio o ferro acostumado
 Do Sol os raios já buido insulta;
 A' vencer ou morrer promptos estamos
 Dizem; e o inimigo tarda.

Eis João Se mostra, e no semblante Augusto
 A Regia Magestade Resplandece;
 Dos Inclitos Avós o brilho herdado,
 Toda a Bondade Ostenta;

O vosso amor, Meus Filhos, reconheço,
 Diz, Reconheço o brío Lusitano,
 Sei que na vossa frente da Victoria
 Colhera honrozos Loiros;

Mas da Victoria ao carro segue o lucto,
 A mais virente palma em sangue he tinta;
 Não he Pai de seu Povo, he seu Verdugo
 O Rei, que Marte adora:

Manda o Decreto, do que os Mundos rege,
 Que hum novo, hum grande Imperio se levante,
 Manda que Portuguez seja o Monarcha,
 E Portuguez o Imperio:

Deos me confia a empreza glorioza,
 Cumpre seguir seu mando . . orsús as quilhas
 O Seio de Neptuno despedacem;
 O Brazil nos espera.

Levando o Pai, e o Filho Eneas deixa
 Ilion abrazada; alheias plagas
 Vai profugo buscar; a cara Espoza
 Por entre as chammas perde:

Mas João, cedendo ao Ceo, partindo nota
 No Mar, na Terra tremolar as quinas;
 São seus os bellos climas, que demanda,
 Os Povos, que O aguardão:

Seus Parentes, e amigos O acompanhão,
 Ficão alguns, que o Estado Seu defendão;
 A mui Prezada Mãe, a Esposa o Seguem,
 E os muito amados Filhos.

As Tagides gentis do eburneo collo
 Parar da veloz nave o curso tentão;
 Mas, oh tristes, . . galerno favoravel
 Infuna as pandas vellas:

Quem ao Ceo levará nosso renome?
 Se nos Deixas, oh Principe . . (pranteão)
 Mas não . . . com sabias leis do novo Mundo
 Sempre Honrarás o Tejo.

Aos ais das Ninhas, ao arfar das quilhas,
 Arrogante Neptuno alça o Tridente,
 Investe com as Nãos, e diz bramando -
 Novos Gamas m'insultão!

Novos Gamas . . . que vejo! . . ah desfaleço . .
 De Portugal os Reis nos meus Estados! . .
 Acabei de reinar . . eis do destino
 Executado o mando.

Os seus arcanos descortino todos!
 Oh que futuro egregio! . . e que esta gente
 Em menos cabo meu . . . tremei Europa . . .
 Nasce a Gloria d'America;

Do Amazonas ao Prata em toifa a pompa
 A Natureza brilha: he lá que a frente
 O novo Imperio alteia, e suas bazas
 São peitos Portuguezes:

D'alma terra a charrua o seio sulca,
 E a independencia brota: annoas bosques,
 Que as nuvens topetavão, já nos portos
 Undivagos fluctuão.

Da Europa foragidas as Sciencias,
 As bellas Artes carinhozo abrigo,
 Tem junto ao Paternal, ditozo Throno,
 Que em pago aformozeão.

Para tão alta empreza o Ceo te escolhe,
 Oh Mimozo do Ceo, Priucipe Amado:
 Se a empreza he grande, o premio he seta limites,
 Dos Ceos o mando cumpre:

Do maior Fasto á par, que á Historia offrece,
 Aos seculos por vir hade ir teu Nome;
 Falle em teu Nome a Historia, qual da Fama
 Hoje a Trompa resón.

*Do Dezembargador Antonio Ribeiro dos Santos
a Francisco de Borja Garção Stockler.*

O D E.

NEM sempre pelos montes
Vaga em rapido curso a clara Cynthia
Apoz as bravas feras ;
O infesto dardo em alvas mãos brandindo.

Nem sempre o fatal arco
Atéza Apollo Agyieu : Vulcano
Na zbrazada officina
Nem sempre escudos forja, e peitos d'aço :

Nem sempre o filho cego
Da formosa Acidalia a guerra accende,
D'aljava disparando
Já de odio, já de amor travessa frecha.

Tu nunca dás descanso
Aos severos estudos: de continuo
Lidas com Lócke e Newton,
E a physica e moral Natura sondas.

Porém Socrates sabio
Não era assim: co'os moços, que ensinava,
Como se fosse hum delles,
Corria em ledos jogos prazenteiro.

Panthoides sizudo
Co'os molles sons da Lyra temperava
As cousas mais severas,
Dando tregoa folgada a seus trabalhos:

E Scipião depondo
O grão tedio dos publicos negocios,
As candidas conchinhas
Na recurvada praia procurava.

Deixa por algum tempo
O celeste compasso d'Urania.
Não cures, douto Stockler,
Saber mais do que basta em curta vida.

Dá-te ao prazer das Musas,
Dá-te á Lyra, que está teus sons pedindo ;
Ou canta amor, ou feitos
De tanto Luso Heroe na paz, na guerra.

Aquelle, a quem Apollo
Revelou os segredos da harmonia,
Não de austeras Sciencias,
Mas só das Musas, nome eterno espera.

O D E

*Ao Illustrissimo Antonio Ribeiro dos Santos,
 em resposta á antecedente, por Francisco de
 Borja Garçãõ Stockler.*

Quem, illustre Ribeiro, quando feres
 Com destra mão a cithara sonora,
 Poderá resistir de teus accentos
 Ao magico prestigio?

Hum vate não es só, que pelas Musas
 Docemente inspirado, ao som da Lyra
 Armonicos conceitos modulando,
 Os homens arrebatas.

Es novo Apollo, que de luz immensa
 A frente coroada, desferindo
 Do arco invicto abrazadoras setas
 Estro sublime excitas.

Ah! que eu já sinto no gelado seio
 Atear-se de novo a viva chamma,
 Que d'Agueo formoso o raio puro
 N'elle outr'ora accenderá.

Flamma divina o espirito allumia:
 Suave sopro de halito celeste
 A cinza afasta, que abafado tinha
 O fatidico lume.

Já sobre as azas nitidas librado,
 Novo Cisne Dirceo ufano sulco
 A ignota região, onde fulgentes
 Immenços Soes scintillão.

Mas ah! que a mente pavida vacilla,
 Pasma, esmurece: o rumo não acerta,
 Por onde o vôo audaz aos Ceos dirija,
 E apar de ti me cleve

Vejo-te, . . . sim . . . he certo: não me engana
 Fantastica illusão, douto Ribeiro,
 Acima das estrellas entre os genios,
 Que a humana raça illustrão.

A tua voz distingo, que sonora
 Pelo espaço sem termo se diffunde,
 E nos orbes, que doura o roxo Phebo,
 Armonica ressoa.

Mas que vale escutar teu doce canto,
 Ver teu semblante ledo e radioso,
 Sobre os astros erguido, se me offusca
 A viva luz, que espalhas?

Mais facil he marcar eterno giro
 Aos luminosos globos, que tu pizas,
 Descobrir suas leis, e sujeita-las
 A calculo preciso.

Ou decompor com transparente prisma
Do loiro sol a coma rutilante
Nas cores naturaes, com que formosa.
Iris no ar se ostenta.

Seguir de Newton o atrevido vôo
Ousarão novos filhos d'Urania;
E seu rasto trilhando collocar-se
Apar d'elle poderão.

Vos, sabio de La Grange, Euler profundo,
D' Alembert perspicaz, subtil Bernoulli,
Preclaro de Laplace, émulos dignos
Sois do immortal Britanno.

Mas o Cisne Beocio abrindo as azas,
Tão alto se elevou no claro Olimpo,
Que assento singular ainda occupa
Junto aos Deoses Supremos.

ODE PINDARICA.

*Ao grande Affonso de Albuquerque, Governador
da India. Por Antonio Diniz da Cruz.*

STROPHE 1.^a

A O trez vezes e quatro triunfante
De barbaras phalanges,
Ao grão terror do Ganges,
Sobre as ondas do már Leão possante,
Hoje, celeste lira, levaremos
O som eterno dos Thebanos hymnos
Que em deposito temos
Sô para coroar varões divinos;
D'eterna fama pois o plectro cerque
O nome grande do inclito Albuquerque.

ANTISTROPHE 1.^a

Quem mais palmas cortou em campo armado,
O' Tejo, ás tuas c'roas?
A' fama, com que voas,
Quem mais azas lhe deu, quem maior brado?
Sua terrivel chamejante espada,
Dos Imperios senhora, e da victoria,
Deixou eternizada
Com immensos tropheos a tua gloria:
Ella faz que inda corras orgulhoso
De teres dado a lei ao Reino undoso.

EPODO 1.º

Em nobre sangue dos Avós guerreiros,
 Valor não degenera:
 Pomba imbelles real aguia não gera
 Nem pavidos cordeiros
 Na Libia ardente a coroada fera.

STROPHE 2.ª

Do famoso Diniz o bravo alento,
 Com que campêa ousado,
 Se vio regenerado
 De Affonso no magnanimo ardimento,
 Do grande Vasco a sanguinosa furia,
 Com que no dia da espantosa guerra,
 D' Iberia eterna injuria,
 Cerrados batalhões rompe e aterra,
 Mostrou seu braço, quando n'alta Goa
 Nuvem de estragos sobre os Mouros troa-

ANTISTROPHE 2.ª

Tão firme não resiste no alto cumé
 De rustica montanha;
 Catvalho annoso á sanha
 De Boreas, que abate-lo em vão presume,
 Como segando scintillantes louros
 Dentro no illustre rio o varão forte
 Rebate os feros Mouros,
 Da fome vencedor, do tempo, e morte,

Em quanto o mar talando o vento insano,
 Lhe cerra as portas do Indico Oceano.

EPODO 2.º

Talvez a grão Cidade ferozmente
 Com sigo blazonava,
 Sem ver que á sua frente o Heroe forjava
 A c'roa d'Oriente,
 De ter quebrado o jugo, que a honrava,

STROPHE 3.ª

Quando nos ares fuzillar alçada,
 Relampago da morte,
 Do Portuguez Mavorte,
 Vio d'improviso a cortadora espada.
 Nuvem, que rasga sobre a calva fronte
 Do frio Erminio o grão furor, que inflamma
 O ensifero Oriente,
 De chuva tanta copia não derrama,
 Como em seus campos o feroz guerreiro
 De sangue espalha lagubre chuvaero.

ANTISTROPHE 3.ª

Mas já tascando os freios de diamante
 Com sonorós nitridos,
 Meus brutos insofridos,
 Me incitão á carreira fulgurante.
 Soltemos, Clio, pois as redeas de ouro,

E pelo ermo do Ceo ceruleo espaço,
 D' Azopo o verde louro
 A ornar levemos o triunfante braço,
 Que aurea victória na Aurea Chersoneso
 Os cisnes chama do gentil Permeso.

EPODO 3.º

De Thetis Oriental no fundo seio
 Tu, Malaca opulenta,
 Do bravo Luso a indomita tormenta
 Olhas sem receio,
 Que o distante perigo o orgulho augmenta.

STROPHE 4.ª

„ Se Affonso arandõ as humidas campinas
 „ Quizer, ousado e bravo,
 „ Punir o grande agravo,
 „ Por mim (dizias) feito ás Lusas Quinas;
 „ Meu braço dardejando a lança ardente,
 „ Meu braço, que do horror da morte armado,
 „ Em campo frente a frente,
 „ De São derribou o augusto fado,
 „ Lavará em seu sangue o fero ultrage,
 „ Que o Gama á India fez na grão passage

ANTISTROPHE 4.ª

Inda fallavas, quando o mar fervendo
 Sob as guerreiras faias,

Conduz ás tuas praias
 De grão furor armado o Heroe tremendo,
 Já sobre a fulva arêa, formidavel,
 A planta imprime, e sopezando a lança,
 De sangue insaciavel,
 Contra ti denodado se abalança:
 De sua ira ante a face, o rosto adusto
 Da mortal cor te tinge a mão do susto.

EPODO 4.º

Em vão intentas no perigo horrivel
 Escapar á ruina;
 Que o raio assolador, que o heroe fulmina,
 Quanto encontra, terrivel
 Talha, assola, desfaz, prostra, extermina,

STROPHE 5.ª

Por não ver de seu Sceptro a flor prostrada,
 Oh! quanto a rouxa aurora
 O carro seu demora
 Do Ganges na ribeira prateada!
 Quantas em fim, guiando o novo dia,
 Da arrogante cidade no regaço
 Vio, cheia de agonia,
 Crucis mortes vibrar o invicto braço
 E ao ver o grande estrago, oh quanto, oh quanto
 O mar enriqueceo de fino prauto!

ANTISTROPHE 5.^a

Se a Lira as immortaes azas battendo
 Em mil rodeios voa,
 E na brilhante c'roa,
 Os louros vai sem ordem entretecendo,
 Segura rompe o vôo scintillante,
 Que o grão vigor das pennas lhe alimenta,
 Nume grande e possante,
 Que eterna fama dos heroes sustenta:
 Nume, que só aos sabios resplendece,
 E em densa nevoa ao vulgo se escurece.

EPODO 5.^o

Sobre as agoas do mar Siciliano
 Em cem galés ligeiras
 Soltando ufano as barbaras bandeiras,
 O furor Africano
 Do Lacio escala as prosperas ribeiras.

STROPHE 6.^a

Mas o povo de Marte impaciente
 Do Punico ardimento,
 Com denodado alento
 Nos reinos entra do humido tridente.
 Tão seguras as Reaes Aguias Latinas
 Ao novo vôo as pennas sacodirão,
 Que as ondas cristallinas
 Cruzar seus campos com horror as virão.

E o Tibre desde então entrou ufano
 O sceptro a prometter-se do Oceano.

ANTISTROPHE 6.^a

Africa em tanto, oh quanto audaz nutria
 Soberba confiança!
 Ebria d'esperança,
 Que triumphadoras palmas não cingia!
 Facil a seu valor julga arrogante
 O Romano vencer nas ondas rude:
 Mas em peito constante
 Que prodigios não obra alta virtude!
 Tu, Mila, o viste com horrendo estrago
 Pizar o orgulho da feroz Carthago!

EPODO 6.^o

Roma, que ás nuvens cheia de vaidade
 Subir vê sua gloria
 Em marmore entalhada a gran memoria
 Consagra á eternidade
 Dos despojos ornada da victoria.

STROPHE 7.^a

Assim dos filhos seus o nome exalta,
 E nutre, que conhece
 Que aos Ceos o valor cresce,
 Quando seu resplendor o premio esmalta,
 Mas quantos a insultar os bravos ventos

Com mais razão ufana levantára
 Pomposos monumentos,
 Se d'Affonso em seu seio o sol raiara!
 Quantos pelos tropheos, que a forte espada
 Em Gerum alcançou da infida armada!

ANTISTROPHE 7.^a

Agua soberba, a quem no campo ethereo
 O espirito alentado
 Deo sobre o povo alado
 Das vagas aves merecido imperio,
 De bancas pombas sobre a banda espessa
 Tão rapida por entre as nuvens turvas
 Não cahe, não se arremessa:
 Brandindo o curvo bico, as garras curvas,
 Como entre a immensa armada o Varão forte
 Frexando o arco, da espantosa morte.

EPODO 7.^o

Ao triste aspecto do funesto damno,
 Que a terra e o mar cobria,
 Depoem Ormuz a barbara ousadia,
 E ao jugo Lusitano
 A cerviz dobra em fim pallida e fria.

STROPHE 8.^a

De novas frechas te arma, oh Lira amada,
 E os voos remontando,

Vamos acompanhando
 O grande heroe pela triunfante estrada.
 Canta como primeiro entrou ousado
 Do Rouxo Mar a indomita garganta,
 E de seu nome o brado
 Suez, Meca, Gidá, Medina espanta.
 Como... Mas tua voz treme e desmaia?
 Alento cobra, que he distante a praia

ANTISTROPHE 8.^a

Trovão, que brama, e chammas mil arroja,
 Ardendo o vio Curiate
 Vio-o a rica Mascate,
 Brava, Lamo, Orfacão, Queixome, e Hoja.
 Soar o sabe, que a seus pés prostrado
 A vida salva, e Calayate astuto,
 O Persa pharetrado,
 A quem a guerra offrece por tributo:
 Mas, ó divina Lira, o panno ferra,
 Que he o mar infinito, á terra, á terra.

EPODO 8.^o

Sublime heroe, em vão Neptuno irado
 Roubou á tua gloria
 Os soberbos padrões d'alta victoria,
 Que meu plectro sagrado
 Hoje a grava nos bronzes da memoria.

EPIGRAMMA.

Essa feliz abelha, que imprudente
Tua boca mordeu tão cruelmente,
He digna de perdão, Lillia formosa,
Pois ao vê-la julgou que era huma rosa.

LIRA INEDITA.

*de T. A. Gonzaga, Author da celebre Marilia
de Dirceo.*

TU, formosa Marilia, já fizeste
Com teus olhos ditosas as campinas
Do turvo ribeirão, em que nasceste,
Deixa, Marilia, agora
Estas lavradas Serras;
Anda affolta romper os grossos mares;
Anda encher de alegria estranhas terras;
Ah! que por tí suspirão
Os meus saudosos lares.

Não corres, como Sappho, sem ventura
Em seguimento d'hum cruel ingrato,
Que não cede aos encantos da ternura;
Segues hum genio amante,
Que a perder-te morreria.
Quebra os grilhões do sangue, vem, ó bella;
Tu já foste no Sul a minha guia,
Ah! deves ser no Norte
Tambem a minha estrella.

Verás o Deos Neptuno socgado
Aplanar co' o tridente as crespas agoas;
Ficar como dormindo o mar salgado;
Verás, verás da alheta
Soprar o brando vento;
Mover-se o leme, desrinzar-se o linho
Seguirem os Delfins o movimento,
Que leva na carreira
O empavezado pinho.

Verás como o Leão na proa arfando,
Converte em branca espuma as negras ondas,
E as talha, e corta com murmurio brando;
Verás, verás, Marilia,
Da janella dourada,
Que huma comprida estrada representa
A lymphá cristallina, que pizada
Pela proa, que foge,
Em borbotões rebenta.

Brutos peixes verás de corpo immenso
Tornar ao torto anzol depois de o terem
Pela rasgada boca ao ar suspenso,
Os pequenos peixinhos,
Quaes passaros voarem:
De toninhas verás o mar coalhado,
Ora surgirem, ora mergulharem,
Fingindo ao longe as ondas,
Que forma o vento irado.

Verás que o grande monstro te apresenta

Hum repucho formado com as agoas,
 Que ao ar espalha com robusta venta.
 Verás em fim, Marilia,
 As nuvens levantadas,
 Humas de cor azul, ou mais escuras,
 Outras da cor de roza, ou prateadas,
 Fazerem no horizonte
 Mil diversas figuras.

Mal chegares á foz do claro Tejo,
 Apenas elle vir o teu semblante,
 Dará no leme do baixel hum bejo,
 Eu lhe direi vaidoso,
 Não trago, não, comigo,
 Nem pedras de valor, nem montes d'ouro,
 Roubei as aureas minas, e consigo
 Trazer para os teus cofres
 Este maior thesouro.

Maximas, Pensamentos, e Reflexões Moraes

Por hum Brasileiro.

*Quelque decouverte, que l'on ait fait dans le
 payz de l'amour propre, il y reste encore
 bien de terres inconnues*

De La Rochefoucauld.

A Grada mais ao nosso amor proprio a companhia, que nos diverte, que a Sociedade que nos instrue.

Ordinariamente tratamos com indifferença aquellas pessoas, de quem não esperamos bem, nem receamos mal.

Sobeja-nos tanto a paciencia para tolerar os males alheios, quanto nos falta para supportar os proprios.

Ha huns, que affectão de muito occupados, para que os creão de muito prestimo.

Condemnamos muitas vezes a nossa memoria para justificarmos a nossa conducta.

Os pobres taxão a esmola, quando pedem por emprestimo.

Os annos mudão as nossas opiniões, como alterão a nossa physionomia.

Os homens nos parecerão sempre injustos, em quanto o forem as pretensões do nosso amor proprio.

A causticidade dos velhos provem de que

elles reflectem, e ja não gozão; a amenidade dos moços de que gozão, e não reflectem.

O homem prudente se humilha pela experiencia, como as espigas se curvão por maduras.

A ventura do homem immoral se assemelha a huma bella madrugada, que dá principio a hum dia proceloso e desabrido.

Não damos de ordinario maior extensão á nossa beneficencia, do que julgamos convir ao nosso interesse.

A alegria do pobre, ainda que menos duravel, he sempre mais intensa que a do rico.

He mais facil perdoar os danos do nosso interesse, que os agravos do nosso amor proprio.

Folgamos com os erros alheios, como se elles justificassem os nossos.

O amor abranda os Heroes, como o fogo derrete os metaes.

Ha certos passatempos e prazeres illicitos, que censuramos nos outros, mais por inveja do que por virtude.

Somos tão varios nas nossas opiniões, quanto são varias as circumstancias, em que nos achamos.

Os homens de ordinario se humilhão para se elevarem, como as aves se agachão para melhor voarem.

Affectando por hum falso pundonor saber

o que ignoramos, deixamos de aprender o que não sabemos.

Ha homens tão vaidosos da sua sciencia, que presumem que os outros não podem ignorar menos, nem saber mais do que elles.

A Sabedoria humana bem ponderada vale sempre menos do que custa.

Somos enganados mais vezes pelo nosso amor proprio do que pelos homens.

He tão facil o prometter, e tão difficil o cumprir, que ha bem poucas pessoas, que sa achem desobrigadas das suas promessas.

Os bens, de que gozamos, sempre exercem menos a nossa razão, do que os males que sofremos.

Desprezamos ordinariamente as opiniões alheias, quando se não conformão com as nossas.

(Continuar-se-ha).

Senhor Redactor.

EM huma questão grammatical que se moveo em huma Sociedade Litteraria, em que eu me achava, perguntou-se-me o que era *Syllaba*. Respondi na maneira seguinte:

Chama-se *Syllaba* o concurso de qualquer vogal ou *diphthonga* com a sua figurativa e consoantes que se seguem até á figurativa de

outra vogal ou diphthongo em huma mesma palavra simples.

Diphthongo chama-se o concurso de huma vogal de meio tom com outra de tom inteiro ;

Exemplos

Pão	<i>Contrastes</i>	Esváéce
Ráiva		Rainha
Pão		Cãhõs
Paulo		Pãul
Lactea		Sopéa
Péixe		Thrêcio
Déos }		Endêosar
Céo }		Mêudo
Mêu		Copiã
Copiã		Riõ
Sorriso }		Apropriõ
Próprio }		Lisbõa
Taboã		Côelho
Sões		Dõia
Cóiro		Puã
Aguã		

Chama-se *Figurativa* a muda que precede huma vogal, ou só ou com huma liquida.

As mudas ou são simples [b , c , d , f , ch , g , j , k , m , p , q , s , t , v , x , z] ; ou compostas [bs , cs , et , cz , dj , ps , pt , sb , sc , sch , sd , sf , sg , sk , sp , sm , sn , sq , st .]

Como estas definições poderão ser uteis ; ou por exactas ou por fazerem despertar em alguém a lembrança de outras melhores , tomo

a liberdade de lhas dirigir , para que lhas queira dar hum lugar no seu Periodico , se julgar que não são indignas dessa honra.

Sou com toda a estimação
Seu muito attento venerador.

S. P. F.

Correspondencia.

Ainda que ninguém aborreça mais do que eu a distincção pertendida de paizes , e o insulso brazão de que tão justamente zombava o sabio Luciano , todavia não posso deixar de confejçar que he necessario ser insensivel para não se interessar em dar gloria ao lugar , a que se deve o berço e a educação , e que fórma sempre as mais doces prisões ao nosso coração. Este amor da patria , longe de ser criminoso , he mais hum estimulo que nos incita , segundo o verso de Horacio ,

Lucem redde tue , dux bone , patrie.

Penetrado destes sentimentos , eu não posso escusar-me ao generoso convite , que me faz hum patricio meu , tão benemerito pelos seus conhecimentos , e pelo emprego que delles faz ; para inserir neste periodico huma circumstancia , que de certo não he indifferente á nossa Patria,

A sua Carta o fará melhor sentir, e por isso a transcrevemos.

S.^r . . .

Em fim tirei do cahos, em que se achava, a Ode, que a v. prometti, e que tenho a honra de enviar; se bem que por si nada valha, da-lhe realce o assumpto que canto; e acho certo picante (e que dezejo mesmo que v. o faça sentir no seu Jornal) em que fosse a Bahia o lugar primeiro, que S. A. R. Honrou com a Sua Presença, e que o primeiro Jornal feito no Rio de Janeiro o seja por hum Bahiano, e que nelle se imprimão versos feitos em Pariz por outro Bahiano, e em memoria do fasto, que mais felicita o Brazil: o acaso, que envolve a Bahia, e seus filhos neste caso, parece-me digno de nota. Para quanto for cooperar para bem da sua empresa, e executar as suas ordens, está prompto. etc.

Rio de Janeiro 21 de Dezembro de 1812.

D. B. B.

Estou bem longe de persuadir-me que esta sincera expansão de hum coração amante da sua patria, offenderá a alguém, ou marcará espirito de parcialidade, nem que a este se attribua a preferença, que lhe damos, devida á grandeza do sujeito, e não a attenção topica.

HISTORIA.

Extracto da viagem, que fez ao sertão de Benguella no anno de 1785 por ordem do Governador e Capitão General do Reino de Angola, o Bacharel Joaquim José da Silva, enviado á aquelle Reino como Naturalista, e depois Secretario do Governo.

De Loanda para Benguella.

NO primeiro de Junho, quinto dia de viagem, avistámos o Rio *Quanza*, hum dos mais importantes das Possesões de Portugal nesta Costa, assim pelas Mercadorias que por elle se transportão commodamente para *Calumbo*, *Massangano*, *Muxima*, e todos os outros Presidios, que estão nas suas margens, como pelas que se espalhão por quasi todo o sertão de *Angola*, e pelo commercio da *Quissama* e *Limbôlo*, ferteis em optimos Escravos.

He este Rio povoado todo de *Cavallós Murinhos*, de grandeza consideravel, não menos que dos peixes chamados *Matheres* (e que disso não tem semelhança alguma, como mostrarrei): nem são menos ferteis as suas margens em todos os fructos deste Continente, e dão-se nellas muito bem alguns da Europa e Brasil. O gado he excellente, se exceptuar-mos o *Vacum*, de que vi muito pouco, e o *Cavallar*, que em nenhuma parte destes Reinos se encontra. Não he comtudo desprezível o risco,

em que se poem as Embarcações á entrada deste Rio, cheio de cachopos, que, principalmente no tempo de *Calema*, ou, o que he o mesmo, quando o mar está mais agitado, tem dado fim a muitas com graves perdas de seus donos.

No septimo dia, pelo fim da tarde, fundamos em *Novo Redondo*, que estará 6 legoas para o S. de *Benguella a Velha*: e adverti que desde o Morro de *Benguella a Velha* até *Novo Redondo*, e ainda por diante, faz a Costa para dentro huma grande Bahia com pouca differença de grossura. E havendo-nos fundeado apartados de terra por se nos acabar a viração: ao dia seguinte nos chegamos para ella com o terral, e nos seguramos a dous ferros.

He o *Novo Redondo* huma terra grossa e alta, e que faz parte da sobredita Bahia; e he alli o mar tão bravo por causa de espraiar desde huma boa legoa, que não tem até agora permitido outro modo de desembarque que huma especie de Jangada, a que os da terra chamão *Bimbas*, fabricadas de huma especie de madeiros muito leves, toscos e sem genero algum de lavor, que os negros, atando com cordas huns aos outros, conduzem até onde os esperão as Embarcações pequenas dos Navios, que não podem chegar a terra; mas estas *Bimbas* deixão muitas partes por onde entra a agoa, pela sua má construcção; e as maretas são muy grandes, sempre se molhão os que nellas se embarcão, e se não tomão cautela

cahem muitas vexes ao mar; sendo por isso mais commodos os transportes de madrugada, que he quando a *calema* he menor.

O terreno deste Presidio he todo de barro, e bom para *Olarias*, e lhe fica a pequena povoação de brancos em o mais alto delle, e emparelhado com outro, em que está fundado o Forte, que he de madeira e terra da mesma qualidade, fabricado ao uso dos negros, mais para o N. O. Os naturaes da terra são bem feitos, e vencem, como nas outras partes, soldo os que se empregão nas obras Reaes, e estes são todos Vassallos de dous Sôvas os mais vizinhos e principaes daquelle territorio. O mais vizinho, e que está no mesmo Presidio hum pouco para o S. E., chama-se *Quitsalla*; e o outro fica hum pouco para E.; e mais para dentro, e chama-se *N. Gunza Acabollo*, ou o *Sôva do Palmar*, o qual chamão assim por hir ter alli hum palmar, que está nas margens de hum Rio (do mesmo nome deste Sôva a quem pertence) que se estende pelo espaço de boas 5 legoas; donde extrahem os seus Vassallos extraordinaria quantidade de azeite para o seu uso domestico e diario. A corrente deste Rio he de E até desembocar no mar pelo caminho de N. O., ainda que esta Bahia entra mais pela terra; fica por isso comprehendido por dous pontos notaveis, que são duas pontas de terra mais altas e grossas, das quaes huma fica ao S. O., e se chama a *Gang*

peça da Balça, e a outra está ao N $\frac{1}{2}$ N E. Os negros aqui fabricão as suas casas de barro e madeira, redondas, e as cobrem de folhas de palmeira; não lhe fazem janellas, antes as portas por onde entrão para ellas são tão pequenas e baixas, que hum homem curvando todo o corpo, acha difficuldade em entrar por ellas: o que justamente praticão todos os habitantes deste Continente, cuja architectura ainda não chega a depárrar-lhes o modo de fazerem portas, com que se defendão das feras, que muitas vezes fazem nelles preza dentro das suas mesmas casas. Estes de *Novo Redondo* são de bom natural, e de humor alegre; deixão crescer, e concertão os seus cabellos com azeite de palma, e pós de varias cores, que fazem, moendo diversas madeiras, e os entranção, ornando-os de pennas, missangas, e fazendo delles varias figuras, para elles mui vistosas e curiosas, e para nós hediondas: sendo mais insupportavel o cheiro de hum negro destes, e dos de todo o sertão, que o de hum bôde! Quando porém começava eu a tomar mais amplo conhecimento deste paiz, não o consentirão as continuadas febres, proprias deste sertão, que vou ainda hoje padecendo; e são muitas a causa de não fazer mais progressos neste estudo. E depois de causa de oito dias demora neste porto, nos fizemos á véla para *Bengalla*, que delle para o sul poderá distar cousa de 2 $\frac{1}{2}$ legoas.

POLITICA.

Calculo sobre a perda de dinheiro do Reino, offerecido ao Senhor Rei D. JOAM QUINTO de eterna gloria, por Alexandre de Gusmão, Seu Secretario do Estado, Fielmente copiado da seu original autographo.

SENHOR.

O Dinheiro he o sangue das Monarchias, e extrahido do corpo dellas, enfraquecem da mesma sorte que acontece aos corpos humanos, quando se lhes tira o sangue. A este modo de fraqueza se vai reduzindo Portugal, pois que tanto se trabalha em extrahir-lhe a moeda, quanto elle caminha para a pobreza, e por consequencia para a ruina.

As causas motoras deste damno tem muitos e diversos principios, mas obrão todas de conformidade para a extracção da moeda do Reino; e como a pouca que nelle entra, não suppre á muita que delle sahe, continuamente se vai empobrecendo com perda irreparavel para seus habitantes, que sentem este damno, sem lhes poder applicar remedio.

Para mostrar as origens das mesmas causas, e como ellas produzem aquelle damno, precisava de huma carta de seguro, que V. M. ma pôde conceder; por isso me explicarei de sorte, com bem magoa de meu

coração, que não diga todas as verdades, ainda que não fique completo este meu discurso, contentando-me com fazer-me entender.

Os Povos, Senhor, para viverem em todas as Terras do Reino, necessitam fornecer-se uns aos outros de generos e manufacturas, que todos hão mister para o sustento e trato da vida; o que sempre executão pelo meio sabido do commercio; e como os generos e manufacturas dos Povos, sejam nacionaes ou estrangeiros, não podem expor-se em todas as partes, com a facilidade com que transportão o dinheiro, que igualmente representa os mesmos generos e manufacturas, por isso se estabeleceu a moeda.

Assim pois continúa o commercio, fazendo-se de generos, supprindo-se estes e aquelles com o dinheiro, quando os não ha igualmente de ambas as partes, para fazer-se a balança do commercio, nos generos e manufacturas, de que uns e outros necessitam.

Supprida esta balança com dinheiro, he innegavelmente certo, que se ha de extrahir do Reino, que assim o der, para aquelle ou aquelles que delle receberem. Assim nos acontece em Portugal, de que certamente resulta fazermos commercio passivo, que he o peor de todos; porque pagamos sempre com dinheiro a balança dos generos e manufacturas que não temos, e de que muito necessitamos.

Não seria o nosso commercio passivo, se

mettessem no Reino annualmente tanta quantidade de moeda, como delle se lhe extrahia, para pagar-mos os generos e manufacturas que necessitamos comprar a dinheiro, afim de supprirmos a referida balança do nosso commercio com os estrangeiros; porque em tal caso, era commercio sem utilidade nem prejuizo, que vinha a ser reciproco, e nem enriquecia, nem empobrecia o Reino.

Assim commerciavamos nos tempos, em que fomos senhores dos generos e manufacturas da Asia, que vinhão pelo Cabo da Boa Esperança; e tambem ha cousa de meio seculo para cá, em quanto vinha muito ouro das Minas, e valião os generos da America; mas agora que vem cada vez menos, e os generos abaterão na estimação e valor, pelos que correm no commercio, produzidos em outras Colonias novas, necessariamente havemos de fazer hum commercio, como mostrarei na fórma seguinte.

Supponha-mos por hum calculo prudente, que neste Reino existem actualmente, circulando em seu commercio, cem milhões em moeda sobre o fundo dos quaes se acredita e abona todo o commercio, que fazemos com os nacionaes e estrangeiros; se deste fundo se tirassem todos os annos dez milhões para supprirmos a balança do commercio; e mettessemos actualmente no Reino igual quantia, não receberia o Reino perda na massa total da sua

riqueza, pois que existia sempre o mesmo fundo.

Não poderíamos reputar como perda da Caixa nacional aquella moeda, que assim davamos por aquelles generos e manufacturas, se a tinhamos das nossas minas com a mesma facilidade, com que as nações estrangeiras poderão ter os mesmos generos e manufacturas, de que a maior parte se corrompem, e consomem em pouco tempo, e o resto de tudo isto que he fabricado de metaes, tambem chega a consumir-se, posto que prolongue mais a sua duração.

Tambem havião os prejuizos de perder o Reino na povoação a gente, que mandasse occupar nas minas, visto que na America não he propria para as suas administrações e trabalhos, e não bastão sómente os negros da Africa, porque he preciso quem os conduza e obrigue ao trabalho com a economia, isto além da falta de emprego para a gente do Reino, quando a industria está em decadencia dentro no mesmo Reino.

Mas tornando ao forte do discurso; he impossivel supprirmos com a moeda, que entra no Reino, a muita, que sahe para fóra delle; de que resulta evidentemente hir-se diminuindo todos os dias o nosso supposto fundo dos referidos cem milhões. Isto succede assim, porque cada vez vem menos ouro das minas, e se augmenta mais a extracção

do dinheiro do Reino: por isso deixando outras cousas em que não posso fallar, he evidentemente certo, que aquella diminuição do rendimento das minas, e esta maior extracção da moeda, correm de conformidade para a sua pobreza.

Segue-se de todo o referido, que dentro de vinte annos, segundo a mais prudente calculação, ha de perder o Reino a maior parte da moeda que agora possui. Esta conta he infallivel, porque augmenta cada vez mais a sua exportação, o que tudo redunda em perda do considerado e supposto fundo; de que tudo he evidente prova a falta de dinheiro que sentimos na Capital do Reino; porque sendo o nosso commercio passivo, por fazer-mos a maior parte em generos e manufacturas dos estrangeiros, que pagamos a dinheiro; he preciso que este se dispenda e passe pela Capital, em razão de estar situada junto ao porto geral do nosso commercio com os estrangeiros; e se nesta Capital se experimenta falta de dinheiro, sendo senhora da maior parte delle, ainda que seja sómente como commissaria, segue-se por consequencia que he cada vez maior a extracção do mesmo.

E sendo a abundancia, a circulação do mesmo dinheiro, os que dão valor aos generos, diminuindo-se a soma existente da moeda daquelle supposto e calculado fundo, que anda na massa total do Reino, diminue por

esta causa o valor dos generos, de que se segue tambem ser preciso mais dinheiro para supprirmos a balança do nosso commercio.

Isto he indubitavelmente certo, e tão claro como a luz do dia; porque se a perda do dinheiro, que se extrahê, monta annualmente a quatro milhões de soma, que recebe para o mencionado e supposto fundo de cem milhões, ninguem pôde negar a diminuição do mesmo fundo, e tambem he certo, que podem calcular em quinhentos mil crusados annuaes a perda que sentimos no rebatimento do valor dos nossos generos, de que vem a chegar a perda a quatro milhões e meio; e ainda que isto pareça supposto, parece que será muito certo. De tudo vimos a concluir, que sendo o nosso fundo de cem milhões, e continuando o mesmo estado do commercio, com interesse totalmente passivo, para os Povos do nosso Reino, pela perda de quatro milhões e meio annuaes, extrahidos deste mesmo fundo, como não podemos duvidar, parece que vem a acontecer em vinte annos, extinguir-se a maior parte, ou tres partes do ditos cem milhões de fundo, pouco mais ou menos.

E como seja do Ministerio dos Soberanos procurar pela conservação e felicidade dos Povos, que se confiarão no seu governo, supplicação os Portuguezes, fieis Vassallos de V. M., com a maior submissão e respeito, diante do Real Trono, que V. M. seja servido :

Que se augmente a Nobreza bem entendida.

Que diminua o Luxo, com alguma lei sumptuaria.

Que se augmente a Agricultura, fazendo-se as Estradas, e cortando-se as Ribeiras para navegar e regar.

Que se estabeleção Fabricas, augmentando-se por toda a parte a Industria.

E que finalmente se favoreça o commercio, dentro e fóra do Reino, sem o qual não pôde haver Estado rico, poderoso, nem florente.

Desta fórma, Senhor, he que o Reino precisa de Providencias, as quaes V. M. lhe pôde applicar pelo meio da Sua Alta Comprehensão e do seu Poder, pois ninguem como V. M. tem os meios para estes fins; já que Deos permittio por Sua incomprehensivel Bondade (como Protector de todos os Reinos) que V. M. possua os referidos meios, quaes são, o ser Senhor das minas do ouro, de excellentes terrenos, e fieis Vassallos. Com justa razão espera o Reino, que V. M. lhe procure quanto mais cedo as felicidades de que elle pôde gozar debaixo do seu Poderoso Governo.

V. M. se dignará ponderar tudo com a Sua Alta Comprehensão, e applicar-lhe o remedio, que for servido.

A Real Pessoa de V. M. guarde Deos muito annos, como todos havemos mister.

TRATADO DE PAZ

Entre S. M. o Rei da Suecia, e S. M. o Rei do Reino Unido da Gran Bretanha e Irlanda.

EM nome da Santissima e Indivisivel Trindade. Sua Magestade o Rei da Suecia, e Sua Magestade o Rei do Reino Unido da Gran Bretanha e Irlanda, igualmente animados do desejo de restabelecer as antigas relações de amizade e boa harmonia entre as duas Coroas, e os seus respectivos Estados, nomearão, para este effeito, a saber, Sua Magestade o Rei da Suecia, o *Sieur Laurent*, Barão de Engerstrom etc., e o *Sieur Gustavo*, Barão de Wettersdet, etc., e o Principe Regente, em nome e da parte de Sua Magestade o Rei do Reino Unido da Gran Bretanha e Irlanda, a Edward Thornton, Escudeiro, os quaes Plenipotenciarios, depois de haverem trocado os seus respectivos poderes, constituídos em plena e devida forma, concordarão nos seguintes artigos:

Art. I. Haverá entre Suas Magestades o Rei da Suecia, e o Rei dos Estados Unidos da Gran Bretanha e Irlanda, seus herdeiros e Successores, e entre os seus vassallos, Reinos, e Estados respectivamente, huma firme, verdadeira, e inviolavel Paz, e huma sincera e perfeita união, e amizade; de tal sorte que

desde este momento se considera como inteiramente cessante e destruido qualquer motivo de dissensão, que possa haver subsistido entre elles.

II. As relações de Amizade, e Commercio entre os dois paizes serão restabelecidas no mesmo pé, em que estavam no primeiro de Janeiro de 1781; e todos os Tratados e Convenções subsistentes entre os dois Estados n'quella epoca, serão considerados como renovados, e confirmados, e são pelo presente Tratado accordemente renovados e confirmados.

III. Se em resentimento da presente pacificação, e do restabelecimento da boa harmonia entre os dois paizes, qualquer Potencia fizer guerra á Suecia, Sua Magestade o Rei do Reino Unido da Gran Bretanha e Irlanda se obriga a tomar medidas, de mãos dadas com Sua Magestade o Rei da Suecia, para a segurança e independencia dos seus Estados.

IV. O presente tratado será ratificado pelas duas partes contractantes, e as ratificações trocadas dentro de seis semanas, ou mais cedo, se for possível.

Em fé do que, nós abaixo assignados, em virtude de nossos plenos poderes, assignamos o presente tratado, e nelle fizemos pregar os nossos sellos.

Dado em Orebro a 18 de Junho de 1812.

(Assignados) Barão de Engerstrom,
Barão de Wötersdet,
Edward Thornton.

*Tratado de Amizade, União e Alliança entre a
Hespanha e a Russia.*

SUA Magestade Catholica D. Fernando VII., Rei de Hespanha e das Indias, e Sua Magestade o Imperador de todas as Russias, igualmente animados pelo desejo de restabelecer e fortificar as antigas relações, que tem existido entre Suas Monarchias, nomearão para este effeito; a saber, da parte de S. M. Catholica, e em seu nome a Regencia das Hespanhas, a D. Francisco de Zea Bermudes; e S. M. o Imperador de todas as Russias ao Senhor Conde Nicoláo de Romanzoff, seu Conselheiro do Imperio, etc., os quaes depois de terem trocado seus plenos poderes, e achados em boa e devida forma, concordarão no seguinte.

Art. I. Haverá entre S. M. Rei da Hespanha e Indias, e S. M. o Imperador de todas as Russias, seus herdeiros e successores, e entre suas Monarchias, não só amizade, mas tambem sincera união e alliança.

II. As duas Altas Potencias contratantes, em consequencia deste ajuste, reservão entenderem-se sem demora sobre as estipulações desta alliança, e concertar entre si tudo o que pôde ter connexão com os seus interesses reciprocos, e com a firme intenção em que se achão de fazer huma guerra vigorosa ao Imperador dos Francezes, seu inimigo commum;

e promettem desde já vigiar e concorrer sinceramente para tudo o que pôssa ser vantajoso a huma ou outra parte.

III. S. M. Imperador das Russias reconhece por legitimas as Cortes geraes e extraordinarias, reunidas actualmente em Cadiz; como tambem a Constituição que estas decretarão e sancionarão.

IV. As relações do Commercio serão restabelecidas desde agora, e favorecidas reciprocamente: com tudo as duas Altas Partes Contratantes procurarão meios de lhe dar maior extensão.

V. O presente tratado será ratificado, e as ratificações serão trocadas em S. Petersburg no termo de tres mezes, contados desde o dia da assignatura, ou antes, se poder ser.

Na fé do que nós abaixo assignados, em virtude de nossos plenos poderes, assignámos o presente tratado com o sello das nossas armas. Feito em Welsky-Lonky a 20 de Julho de 1812. — Francisco de Zea Bermudes. — O Conde Nicoláo de Romanzoff.

ESTADO POLITICO DA EUROPA.

Depois que a Discórdia sacodio o facho fatal, e saltarão por toda a parte fúscas, que tem incendiado, abrazado, e consumido Monarchias inteiras; depois que huma ambição desenfreada, não conhece limites aos seus iníquos desejos; a face do mundo muda quasi diariamente, e o espirito cança em seguir estes terremotos politicos, mais destruidores do que os phisicos. O Cometa detestavel que ora se chega a hum, ora a outro globo, sempre deslocando, perturbando sempre, ainda apparece, e os effeitos da sua terrivel influencia são bem visiveis. O Leitor o terá sentido muitas vezes, e hoje terá a mortificação de lançar comigo hum breve golpe de vista sobre o estado actual politico das differentes potencias. Começaremos por Portugal, e seguiremos a ordem thorographica. Parece que esta nação era a barreira marcada pela Providencia ás rapinas dos novos Godos. Sacodido huma vez o jugo nos campos de Vimeiro, do sangue dos bravos Portuguezes, que rubricou a sua felicidade, nascerão milhares de soldados, animados do espirito dos antigos Conquistadores da Africa e da Asia, e dos descobridores da America. O Bussaco foi a prova do ensaio, e mostrou aos veteranos de Marengo, que não mentem as paginas da Historia, prenhes de

elogios ao valor e aos talentos guerreiros dos Portuguezes, desde o tempo da antiga Lusitania. Huma serie de victorias, hum tecido de prudentes combinações, huma cadeia de planos acertados, scellarão a nossa independencia; e nos poserão em estado de acodir-mos aos nossos visinhos opprimidos com o pezo d'aquelles iníquos invasores. Elles nos chamarão, qual outr'ora ao bravo Affonso, e a Scena do Salado se renovou em Albuera, Barroza, Salamanca, Burgos, e em quasi todos os lugares da Hespanha. O melhor dos Marechaes prova a disciplina e a intrepidez das tropas, que se reputavão bisonhas, e o soldado Portuguez apparece em toda a sua gloria. Abafarei as ternas expansões do meu coração, que de bom grado se espriava em recordar aquelles versos do nosso insigne Poeta,

Quão doce he o louvor e ajusta gloria
Dos proprios feitos quando são soados!

Hum Governo providente, activo, recto, todo embebido no desempenho da ardua empreza, em que a nação está interessada, executando fiel e zeloso as Sabias Ordens de S. A. R., a illustre co-operação da nossa antiga alliada, e a nobre divisa dos Portuguezes. = Vencer ou morrer, = abonão as minhas esperanças de que os Godos, não só purguem a Hespanha da sua presença, mas

não achando segurança nos Pyrneos, trémão de ver no seu proprio paiz as devastadoras calamidades, que elles trouxeram á Peninsula, afora aquellas descavolturas, aquelles horribeis attentados, parto da sua barbaridade, e ferocidade.

A liberdade, desprendendo as molas do patriotismo, vemos cada vez novas provas de entusiasmo, e de acizado arrojo. O espirito dos Romanos se propaga, e a nação conta chefes experimentados, depositos das suas esperanças. Mina, Ballesteros, Cruz e outros muitos, assustão as divisões Francezas, e em frequentes acções os tem combatido, e destrogado. Unidos aos corpos Portuguezes e Inglezes, elles se tem mostrado rivaes e companheiros. Está reservado nos arcanos da Providencia o termo de tantas fadigas, mas folga o entendimento de ver Cadis, empenho do ardiloso Soubt, abandonada, Sevilha, sua Praga d'armas, desamparada, Astorga, e muitas outras praças restituídas, a Capital da Hespanha recebendo as leis promulgadas em nome do seu verdadeiro Monarca, e entre as mais vivas demonstrações de jubilo applaudindo ao momento, em que as suas aigemas se quebrarão, e o seu horizonte ficou desabafado da negra nuvem, que o encobria, Valhadolid, Salamanca, outras muitas Cidades, despejadas d'aquelles barbaros, que marcarão cada instante da sua residencia por hum novo insulto, hum

mais feio attentado. Não está porventura longe o momento, que deve ser o ultimo da oppressão. E em quanto ansiosamente o esperamos, vejamos o fóco de tantas explosões horrendas; corramos os olhos pela França.

Pezadas contribuições, duros impostos sobre povo, que não goza as commodidades do Commercio exterior, que dá alma e vigor ao interior, a agricultura enferma, e falta de braços, as mãs vendo arrancar do seio os filhos para nunca mais os verem, casas desertas, familias desamparadas, e os males inevitaveis em huma guerra, e guerra de conquista, são cores bem negras, mas que eu não carrego de sobra; traço apenas hum esboço. Os homens, as riquezas, os recursos, toda a França, está fóra da França, como tão eloquentemente dizia Sertorio em Corneille.

Rome n'est plus dans Rome, elle est toute ou je suis.

Se ajuntarmos a isto a sensação assustadora, que haverão feito na França as perdas repetidas na Peninsula, e no Norte, conhecidas por todos apezar do extravagante Decreto de Seu Imperador, que só fia do Monitor as suas noticias, não seremos exagerados em dizer que falta apenas o impulso para aquella horribeil oscillação, á qual se seguirá o descanso d'aquelle desgraçado Paiz. Ainda mais huma batalha, outra derrota mais, ou ainda mesmo huma victoria; e se o brio de não receber cadêas, se o nobre sentimento de preferir a morte á

escravidão, não entibiar, que ha de ser do Imperador dos Francezes?

Embora em Pariz os espectaculos, e divertimentos intentem adormentar a propria miseria, este opio applicado com esperteza pelo seu Despota pode taze-los por momentos insensiveis, mas não podem curar os seus dizeres. São perfumes e aromas, que embalsamão huma atmosfera corrupta, e empregnada de maldadores miasmas.

A Allemanha, que hum dia antes parecia huma Cidade guarnecida de fortes torres, a Allemanha, escola militar da nobreza de toda a Europa, a Allemanha, patria dos Schaumbergs, dos Laudons, e dos Dauns, he hoje escrava! O tyranno dividio os Principes para melhor destrui-los! Creou novos Thronos. Os soberbos circulos do Imperio virão novas coroas pezarrem sobre cabeças fracas, e ineptas. Westphalia, Baviera, e Wirtemberg, são colonias da França, presididas pelos satellites, que girão de continuo em torno d'aquelle Despota, que a seu sabor os eclipsa, ou lhes empresta huma luz baça e ephemera. A Prussia deixou de existir, hum Rei dethronizado entrega o Governo a hum Ministro, sempre Secretario de Bonaparte, que lhe prostituo o nome do grande Sully, applicando-o, não ao amigo do seu Rei, mas do seu Usurpador. Os seus soldados estão á disposição deste; levados ou arrastados ao Norte, morrem victimas da

ambição, para escaparem á dor de verem prezos os seus parentes, confiscados os seus bens, proscritos os seus nomes. Barbaridade inaudita! O systema da escravidão, que tanto se tem combatido neste seculo, reina despoticamente em paizes civilizados! Singular contradição do espirito humano!

A Austria, murchos os seus louros, abattidas as suas Aguias, concede ao Corso usurpador huma Princeza, e com ella o direito de dispor de suas desnaturalizadas tropas, ja dignas do nome, que as cerca. Ella se esquece dos motivos politicos, que a fazião considerar como inimiga da França, e abriga no seu seio o aspide, que a morde e devora.

Não mencionarei os estados mais pequenos. Incapazes de arrostrar por si sós o Despota do Continente, divididas em facções, elles não figurão senão na lista dos escravos de Bonaparte.

Este Imperador havia combinado ha longo tempo a conquista da Russia. Elle não fazia misterio de seus intentos e preparativos: no anno de 1806 seu proprio Irmão o declarou na Bahia com esta expressão romanesca — Se meu Irmão tornar a calgar as botas, não as descalça senão em Petersburg. — Era preciso porém hum pretexto. Quando faltão elles á ambição? A partilha da Polonia, tocava o coração *muito justo e muito sensivel* de Bonaparte. Os seus sentimentos philanthropicos

erão muito offendidos pela sujeição involuntária de huma Nação, elle quer, não restituí-la á liberdade, mas arrancando á Russia huma porção, entrega-la nas mãos de hum novo Despota, da familia, e da servidão Napoleonica; em quanto as outras ficão na sua mesma situação. Humanidade semelhante á aquella tantas vezes manifesta no Coração mais barbaro!

Por mais que politicamente se examine o motivo da guerra da Russia, a imaginação mais atilada tropeça a cada passo. Não he possível acertar com outra causa, salvo a ambição. Mas he huma singularidade bem notavel e bem honrosa para a Russia, que aquella nação, que combinada fez sempre estereis esforços, na celebre campanha da Italia, debaixo do immortal Swarow, batten constantemente os Francezes, e modernamente tem gloriosamente resistido ao maior empenho do flagello da Europa. Em confeco que nunca li sem admiração os esforços verdadeiramente prodigiosos, que huma nação, quasi surprehendida, tem feito para se livrar de hum mal, que rebentou primeiro que ameaçasse: a posteridade fará justiça aos sentimentos patrioticos e generosos desta bellicosa nação, pugnando affincadamente pela sua independencia.

A Suecia tem procedido de huma maneira a mais equivoça. Os Politicos mais sagazes se vêm perplexos ao pronunciar sobre os seus sentimentos. Amigo da Russia, parece apromp-

tar huma expedição, a qual jámais se effectua. Procrastinando successivamente, o seu auxilio tem sido nullo, nenhum damno tem causado aos Francezes. Seria bem de presumir que elle aguarda a decisão da grande contenda do Norte, para tomar o partido, donde possa colher interesse. A conferencia com o Imperador da Russia nada andiantou apparentemente, e o systema de Bernadotte persiste. O Tratado com a Inglaterra parece huma prova, que fixa a opinião. Mas eu tenho visto tantas vezes Tratados capciosos, e muito mais depois que o Tiranno do Continente fez hum jogo das cousas mais sagradas até alli, que me parece muito acertado, desconfiar ainda no meio de tantas promessas;

Times Danas, etiam dona ferentes.

Quando me recordo de que este General foi elevado por Bonaparte ao throno, quando meditava invadir a Russia, e lhe preparava portanto hum inimigo poderoso, eu creio ter assás motivos de duvidar qual he o seu intento. Todavia he temerario arriscar conjecturas em materia tão delicada, sobre a qual se tem successivamente desdito os periodicos mais acreditados. Eu aponto simplicies reflexões em falta de factos decisivos, dos quaes só depende a minha opinião.

A Dinamarca faz preparativos extraordina-

rios, em tanto que recusa unir-se aos Ingleses e Suecos. Qual deve ser pois o seu partido? Alistar-se entre os Escravos de Bonaparte? A sua ilha pode receber todo o damno da parte dos Ingleses, a Noruega facilmente será conquistada da Suecia. Declarar-se contra aquelle Despota? Cessará de possuir o Holstein, Oldenburg, e outros territorios na Allemanha, e talvez a esperança da Pomerania. O que se manifesta bem he que a Suecia e a Dinamarca se observão mutuamente: parece que os occupão interesses oppostos.

A Turquia com grandes preparativos assusta a Austria, e por ventura medita hum golpe: continua as suas negociações com a Russia sobre os limites na Asia. Os Francezes entretanto não se esquecem de semear a zizania, que n'aquelle paiz tanto produz, mas os seus esforços parecem inuteis. A Porta se recêa sempre da Austria, e como descançará, quando a vê ligada a hum Monarca poderoso, cuja ambição desmedida excede á do Macedonio?

Tal o esboço da Europa, que ligeiramente traçamos. O tempo nos falta (e não sobraõ as forças) para correremos os olhos pelas outras potencias do mundo, e vemos as revoluções, que nellas tem gerado o espirito de vertigem, que da Europa se estendeu a todo o Orbe. Funesto contágio quasi não ha paiz que tenha poupado! O meu espirito descança quando, lançando os olhos ao Brazil, vejo abraçadas

a justiça e a paz, respeito as Sciencias estendendo o seu imperio, e reconheço que nasceu para este vastissimo continente os tempos de Saturno.

Obras publicadas no Rio de Janeiro no presente mez de Janeiro.

Tratado Elementar de Mechanica por Mr. Francœur, por Ordem de S. A. R., traduzido em Portuguez, e augmentado de doutrinas extrahidas das Obras de Prony, Bossut, Marie, &c.: para uso dos Alumnos da Real Academia Militar desta Corte; por José Saturnino da Costa Pereira, Cavalheiro na Ordem de Christo, Bacharel Formado em Mathematica, Capitão do Real Corpo de Engenheiros, e Lente do 3.^o anno da mesma Academia. 4.^a Parte, Hydrodynamicas.

O merecimento da Mechanica de Francœur he geralmente reconhecido, e huma Traducção desta obra he huma grande aquisição para nós. Porém o Traductor a fez ainda mais recomendavel, ajuntando á aquelles principios quanto julgou conveniente extrahir das Obras de melhor nota, como as que aponha no titulo, e de outras, que não menciona, entre as quaes tem o primeiro lugar a Mechanica Celeste de Laplace. Desta sorte preparou aos seus Discipulo hum Compendio rico de conhecimentos, e

muito proporcionado á duração do anno lectivo, como o tem já mostrado a experiencia.

Tratado Elementar de Physica por R.—J. Haüy, traduzido para uso da Academia Militar.

Pronunciar o nome do Author he fazer o elogio da Obra. Por isso foi escolhida para o ensino da mencionada Academia. Nós nos li-sonjeamos de ver quasi diariamente apparecerem novas Obras, quer traduzidas, quer compiladas para uso dos Alumnos, vindo desta arte a propagar-se mais facilmente as luzes, e fugirem diante dellas os males, que a ignorancia produz. Este fim encheu o Tratado, acodindo opportunamente com as suas fadigas a dar ao prelo aquella excellente Obra, que elle deve explicar aos seus Alumnos no presente anno.

COMMERCIO.

Mapa das Embarcações Portuguezas que entrarão em Gibraltar no anno de 1821, e suas importações, e exportações, extrahido de Documentos Officiaes.

PORTUGAL.

Portos.	N. de	Generos	Ditos
	Emb.	importados.	exportados.
Lisboa	31.	tabaco, mel,	vinho, agoarden-

	assucar, al- godo, cam- pecho, cacao, manteiga, cho- colate, sal, aduelas, madei- ra, tijolo, ta- boado, salsa.	te, arroz, espar- to, farinha, azei- te, bacalhau.
Porto	3. taboado, algo- dão.	farinha; azeite; oleo, agoardente, vinho, milho, vinho.
Figueira	3. taboado, lou- ça, sebola.	azeite, e vinho.
S. Mart. ^o	2. madeira.	
Caminha	1. taboado, sebola.	
Cezimbra	2. lastro	bois para Cadis.
Setubal	5. madeira, fruta, sal, e sebola.	sal, vinho, e agoardente.
Ericcira	39. madeira, pipas.	vinho e azeite, milho, ferro, trigo, vinho, azeite.
Aveiro	1. taboado	
Algarve	203. pescado, fru- ta, sal, lenha, telha, tijolo, gorpelhas, ma- deira, pipas, bezerros.	bacalhau, enxofre, cera, amendoa, farinha, arroz, biscouto, ferro, linho, vinho, vinagre, trigo, milho, papel, esparto, taboado, azeite, vaqueta.

H E S P A N H A.

Portos. Emb. Importações. Exportações.

Cadis 16. esteiras, capa- arroz , farinha ,
chos, chá, le- biscouto , farinha
nha, tabaco, de pao, azeite,
cidra, vinho;
Algeciras 2. azeite, sabão, azeite.
vinho.

Ilha de
Lião 1. lastro
Iviça 1. vinho a mesma carga.
Maiorca 1. vinho a mesma carga.

Portos
da Costa
d'África 14. fruta, carneiros ferro, caffè, pi-
sabão, cera, menta, assucar,
goma, pipas, vinho.
bois, couros,
tijolo, e telha,

Ilha da
Madaira. 2. vinho, mantei- lastro.
ga, ganga, e
chá.

B R A Z I L.

Bahia 19. tabaco, couros, vinho, roupa,

sola, assucar, tabaco, azeite,
mel, tabaco de sola, sal, papel,
rolo e em pó, alhos.
algodão, cebo,
pao amarello.

N. B. Hum dos preceden-
tes foi do Rio de Janeiro carre-
gar á Bahia.

Resumo dos navios entrados.

1 navio; 7 galeras; 17 bergantins; 2 suma-
cas; 4 escunas; 26 hiates; 150 cabiques; 3
barcas; 75 rascas; 8 faluchos; 26 calões; 20
lanchas; 9 botes. Total 348.

INDICE.

Introduccão. pag. 1

ARTES.

Memoria sobre o emprego do assucar combinado com a poluora. 9

Novo modo de refinar o assucar. 10

AGRICULTURA.

Memoria sobre a cultura do Algodoeiro. 23

Memoria sobre a plantação e fabrico da Urucú. 34

HYDROGRAPHIA.

Methodo, que se seguiu no trabalho Hydrografico da Plania do Porto do Rio de Janeiro, no anno de 1810. 40

MEDICINA.

Proposta da Camara desta Cidade sobre as doencas endemicas e epidemicas, e meios de remedia-las. 58

Resposta do Doutor Manoel Joaquim Marreiros. 60

LITTERATURA.

Ode á partida de S. A. R., de Portugal para o Brazil, por B. 68

Ode do Dr. Antonio Ribeiro dos Santos. 71

<i>Resposta de Francisco de Borjão Garçã</i>	76
<i>Söchler.</i>	79
<i>Ode de Diniz a Affonso de Albuquerque.</i>	88
<i>Epigramma do mesmo Author.</i>	ib.
<i>Lira inédita de Gonzago.</i>	91
<i>Maximas pensamentos e reflexões moraes por hum Brasileiro.</i>	92
<i>Questão Grammatical sobre as Syllabas por S. P. F.</i>	95
<i>Correspondencia.</i>	

HISTORIA.

<i>Extracto da viagem, que fez ao Sertão de Benguela o Bäck. Joaquim José da Silva.</i>	97
---	----

POLITICA.

<i>Calculo sobre a perda do dinheiro do Reino, por Alexandre de Gusmão.</i>	101
<i>Tratado de Paz entre S. M. o Rei da Suecia, e S. M. o Rei da Gran Bretanha.</i>	108
<i>Tratado de Amizade, União, e Alliança entre a Hespanha e a Russia.</i>	110
<i>Estado Politico da Europa.</i>	112
<i>Obras publicadas nesta Corte no mez de Janeiro.</i>	121

COMMERCIO.

<i>Mapa das embarcações Portuguezas, que entrarão em Gibraltar em 1811, suas importações, exportações, etc.</i>	222
---	-----

O PATRIOTA,

JORNAL LITTERARIO, POLITICO,
MERCANTIL, &c.

DO
RIO DE JANEIRO.

*Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra ame, e a minha gente.*
Ferreira.

N. 2.^o
FEVEREIRO.

Reservado da Secção

Biblioteca Nacional

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.

1813.

Com Licença.

Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na rua da Quitanda, n.º 34, por 800 reis. Na mesma Loja se faz a subscrição a 4000 reis por semestre.